



DE GUIMARÃES O CAMPO SE TINGIA,
CO SANGUE PROPRIO DA INTESTINA GUERRA,
ONDE A MÃY, QUE TAM POUCO O PARECIA,
A SEU FILHO NEGAVA O AMOR, & A TERRA.
COM ELLE POSTA EM CAMPO JA SE VIA.
E NÃO VE A SOBERBA O MUITO QUE ERRA.
CONTRA DEOS, CONTRA O MATERNAL AMOR:
MAS NELLA O SENSUAL ERA MAIOR.

«Lusiadas», canto III, estrofe XXXI.

NÃO PASSA MUITO TEMPO, QUANDO O FORTE
PRINCIPE, EM GUIMARÃES ESTÁ CERCADO,
DE INFINITO PODER, QUE DESTA SORTE,
FOY REFAZER-SE O INIMIGO MAGOADO:
MAS COM SE OFFERECER AA DURA MORTE,
O FIEL EGAS AMO, FOI LIURADO.
QUE DE OUTRA ARTE PODÊRA SER PERDIDO,
SEGUNDO ESTAUVA MAL APERÇEBIDO.

«Lusiadas», canto III, estrofe XXXVI.

DESENHO DO PROFESSOR GUILHERME CAMARINHA

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A—1.º e 2.º Andares—Tel. 34.

Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
VISADO PELA



GENERAL OSCAR CARMONA, Presidente da República Portuguesa



DR. GETÚLIO VARGAS, Presidente da República do Brazil

Guimarães vos saúda, ó Magos do Alto Principado da Dignidade, do Poder, da Inteligência e do Trabalho, piedosos Romeiros, devotos Peregrinos, humildes Pastores! Vinde—transeúntes dos Séculos, que todos nós, idos, presentes, vindouros, vamos volvendo e passando na jornada lenta e monótona das Idades—e escutai como nas pedras santas do nosso Castelo—donde amanheceu o Dia de Portugal—se ouve pulsar ainda o viril coração dos Guerreiros e dos Heróis no fervoroso anseio, no arrancado amor de nos darem, livre e forte, a mais linda Pátria; vinde e escutai como dos gastos degraus de Santa Maria escoam, recolhidas e múrmuras, as alumiadas preces da Fé invencível, as doces litanias do Voto e os alegres tèdeuns do rendido Preto. Por todos estes ondeados outeiros se acendiam, sôbre a várzea dormente de linhos e milharais, noite fora dos séculos muito além, os rubros fogachos de ardida vigília, naqueles bárbaros castros de nossos velinhos avós, homens rudes e lisos que nos ensinaram, em seus arrojados labores perseverantes, o amor e todo o amor à terra. Foi êsse amor, tão cuidadoso e atento, que deu grandeza épica ao nosso Castelo e o ergueu, roqueiro e altivo de menagem, e transformou em estrêlas de sonho, alto e sublimado, o sangue vertido em sortidas e acutiladas nas valentes refregas. Ouvi como enlevadamente cantam ainda—e agora e sempre—nas claras águas dos nossos fugidios arroios, as canções inquietas das mãis, as canções saúdosas das noivas, as lágrimas das mulheres—que

traziam seus filhos e traziam seus namorados nas lutas, agrestes e renhidas, tão agreste e renhidamente pelejadas. Sob o alto nosso coração enternecido; lateja, ansiada, nossa comoção profunda. Sêde benvindos!—e, agora, vamos ajoelhar prostradamente nós todos no Altar da Pátria, da Pátria de Afonso Henriques, da Pátria de nossos maiores, da Pátria, livre e forte, de nossos Filhos. Por Portugal!



DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR, Chefe do Governo Português



D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA, Cardeal Patriarca



Dr. José Joaquim de Oliveira
Governador Civil do Distrito

Dr. Getúlio Vargas

*Q' velha, tradição
vel e valerosa
Guimarães
Indeuzem de
Vargas
2-1-1940.*

Sua Excelência o Senhor Doutor Getúlio Vargas, Ilustre Presidente da República do Brasil, Figura do maior prestígio na Nação Irmã e Grande Amigo de Portugal, anuiu, gentilíssimamente, ao convite que o Notícias de Guimarães lhe fez, por intermédio do devotado Vimaranesense e dedicado patriota sr. Albano de Sousa Guise, para colaborar nesta edição especial consagrada às Festas Centenárias da Fundação de Portugal.

Na carta que acompanhou o autógrafa do Chefe do Estado Brasileiro, o nosso querido amigo sr. Albano de Sousa Guise, que no Brasil tem sabido elevar o nome da Colónia Portuguesa, diz-nos:

«.....
Sinto-me no entretanto muito feliz em poder mandar a V... uma frase dedicada à nossa Cidade, escrita por Dona Alzira Vargas, filha do Ex.^{mo}

Sr. Dr. Getúlio Vargas, DD. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, que teve a gentileza de a autografar.

Trata-se de uma homenagem bem espontânea e importante que o Senhor Presidente da República do Brasil, por intermédio do Notícias de Guimarães, presta à nossa Terra, neste ano em que Portugal comemora oito séculos de história. E Notícias de Guimarães honra-se em inserir nas suas colunas uma saudação que vinca bem a boa amizade que une os dois Países: — Brasil e Portugal.

Para o Sr. Albano Guise, por quem temos a mais elevada consideração e alta estima, vai, neste momento, o nosso público reconhecimento pela maneira fidalga como soube converter em realidade o nosso desejo.



Dr. João Rocha dos Santos
Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Notícias de Guimarães

ESTE jornal bem merece a estima sobretudo dos habitantes da nobilíssima cidade cujo nome revôa neste momento por todo o orbe envolto em hossanas de alegria em comemoração dos oito séculos de vida duma nacionalidade que tanto ilustrou a História da Civilização.

Merece a estima e a gratidão dos vimaranenses, dessa boa gente que tanto quer à sua terra fecunda, êste intermerato órgão da Imprensa regionalista pelo denôdo com que sempre se bateu pelos melhoramentos e progressos de Guimarães e pelo bem da sua laboriosa grei.

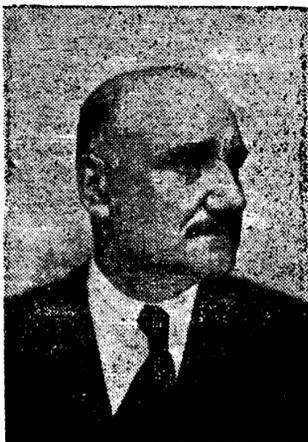
Bem haja esta força que assim tem actuado, galvanizando energias anímicas tam proficuas e salutareas a toda a espécie de interesses legítimos dos agregados populacionais que serve com dedicação.

Braga, 1 de Junho de 1940.

José de Oliveira.

Duplo Centenário

NESTE momento de emoção patriótica, em que tôdas as divergências ideológicas, quer sejam políticas ou religiosas, se devem depôr no altar da Pátria, aproveito o ensejo que o «Notícias de Guimarães» me oferece para agrupar, com o meu entusiasmo de português e de vimaranense, com todos aqueles que, em devotada adoração e de olhos postos na Pátria, levantam o seu



José de Oliveira Pinto
Delegado Especial do Govêrno

pensamento muito para cima das paixões que nos diminuem, para só verem Portugal, a quem devemos dar todo o nosso carinho.

Repugnando-me acreditar que a algum português seja indiferente êste ano comemorativo da Fundação e da Independência de Portugal, creio que, todos, mesmo aqueles que costumam esconder as suas emoções, se sentem, como eu, orgulhosos por poderem chamar a Portugal a sua Pátria bendita e de lhe jurarem a sua fidelidade.

Guimarães, 1 de Junho de 1940.

José de Oliveira Pinto.

Colaboradores do presente número

- Alberto Vieira Braga
Publicista e Director da "Revista de Guimarães,"
- Alberto Gonçalves (Padre)
Publicista
- Alberto de Oliveira (Dr.)
Escritor e Diplomata
- Alfredo Fernandes (Dr.)
Médico
- Alfredo Pimenta (Dr.)
Académico, Fundador da Academia Portuguesa de História
- Américo Durão (Dr.)
Poeta
- António Alvaro Dória
Publicista
- António Correia de Oliveira (Dr.)
Poeta
- António Mesquita de Figueiredo (Dr.)
Publicista e ex-Chefe da Secção de H. e G. da B. N. de Lisboa
- António de Oliveira (Dr.)
Prof. do Liceu Alexandre Herculano, do Porto
- Carvalho Crato (Comandante)
Oficial da Marinha de Guerra
- Cláudio Basto (Dr.)
Publicista e Director da Rev. "Portugale,"
- Delfim de Guimarães
Poeta
- Eduardo de Almeida (Dr.)
Escritor
- Francisco José Alves (Padre), Abade de Baçal
Director do Museu Regional de Bragança
- Jerónimo de Almeida
Poeta
- João Antunes Guimarães (Dr.)
Deputado da Nação
- João Rocha dos Santos (Dr.)
Presidente da Câmara Municipal de Guimarães
- Joaquim Costa (Dr.)
Director da Biblioteca Pública do Porto
- José Augusto Ferreira (Monsenhor)
Sócio da Academia das Ciências de Lisboa
- José Joaquim de Oliveira (Dr.)
Governador Civil do Distrito de Braga
- José de Oliveira Pinto
Delegado do Govêrno em Guimarães
- Júlio Brandão
Escritor
- Ludovina Frias de Matos
Escritora
- Manuel Alves de Oliveira
Publicista e Director da Rev. "Gil Vicente,"
- Manuel Monteiro (Dr.)
Da Academia das Ciências de Lisboa
- Mário de Sousa Menezes
Professor
- Pedro Correia Marques
Jornalista
- Zita de Portugal
Escritora

VIVA PORTUGAL!

GUIMARÃIS, terra de tradições e de trabalho, está em festa.

Passa hoje o dia maior da sua vida secular. Elevada a capital do Império Português, tem a honra de receber dentro do seu velho Castelo os beneméritos Chefes da Revolução Nacional.

Encontram-se aqui muitas dezenas de milhar de portugueses do continente e colónias. Está também aqui a embaixada de terras de Santa Cruz. Vieram todos, em peregrinação patriótica, assistir às Festas Centenárias. Comemorar oito séculos de vida nacional. Prestar homenagem ao Passado que nos fez grandes.

E' com carinho, alegria e orgulho que a cidade recebe os seus visitantes, neste dia solene da sua história.

Quando, às 12 horas, o Venerando Chefe do Estado içar, nas ameias do Castelo, a bandeira simbólica de D. Afonso Henriques «sem a qual não existiria o nosso país nem sequer o nome de Portugal», como disse Alexandre Herculano, Portugal inteiro será um coração apenas ajoelhado diante da memória quasi sagrada do nosso primeiro Rei.

Quando sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, numa das tôres do Castelo, abençoar a Nação, todos imploraremos, num acto de fé colectiva, a Protecção e Misericórdia Divina para Portugal e para as nações da Europa que, numa guerra sem par na História de todos os tempos, se batem com uma ferocidade destruidora numa tremenda luta que tudo subverte.

Viva Portugal!

João Rocha dos Santos.



Conde D. Henrique



Embaixador Dr. Alberto de Oliveira
Antigo Presidente da
Comissão Nacional dos Centenários

Viva Guimarães!

Por Alberto de Oliveira.

GUIMARÃIS figura pelo menos duas vezes nos *Lustadas* — privilégio de que muitas povoações portuguesas importantes não podem gabar-se.

Disse já, e repito, que o berço da monarquia era o *dia um de Portugal* e que todos nos sentiríamos vimeiranos no dia próximo em que naquela cidade se inaugurarem, pela voz universalmente radiofundida do Senhor Presidente do Conselho, as festas do Duplo Centenário.

Assim será. Todos estaremos nessa hora em Guimarães, em corpo ou em espírito, a contemplar ou a evocar as ruínas majestosas do Castelo e a reconhecer que se essas pedras duraram oito séculos, nós, que somos almas e não pedras apenas, temos diante de nós longo período de existência como Nação, e que a imortalidade, e não a morte, deve ser a nossa suprema aspiração e destino.

Uma Nação é uma Alma — nunca se encontrou melhor definição — e como tal pode escapar, se quiser, às contingências humanas.

Resta-me só fazer votos para que também a cidade de Guimarães, como que renascida pela altíssima missão que lhe foi com justiça confiada neste Ano Aureo de 1940, adquira, no cumprimento dela, vitalidade nova, contraia maiores compromissos com o futuro e possa imprimir às suas actividades de toda a espécie, sem excluir as que respeitam à sua economia e às suas tradicionais indústrias, impulso mais vigoroso, mais confiante e portanto mais eficaz.

Viva Guimarães! Que este grito seja quanto possível sinónimo, de hoje em diante, daquele outro que anda perpétuamente em todas as nossas bocas: *Viva Portugal!*

INTERCAMBIO MILITAR TRASMONTANO-MINHOTO

Pelo Abade de Baçal.

ENTRÉ a província do Minho e a trasmontana houve grande intercâmbio bélico durante as Guerras da Aclamação. Muitos soldados trasmontanos, enquadrados por chefes regionais, militaram nas campanhas do Minho, principalmente durante o governo do Conde de Castelo Melhor, em que chegaram a rivalizar com os do Alentejo.

Este intercâmbio subiu de ponto em Setembro de 1660, devido à nomeação de D. Francisco de Sousa, conde do Prado, para governador das armas da Província do Minho, governando ao mesmo tempo as de Trás-os-Montes Luís Alvares de Távora, conde de São João, próximo parente daquele.

O Dr. António Cruz publicou em 1939 as *Derradeiras Campanhas de Entre-Douro e-Minho e Trás-os-Montes (Maio a Novembro de 1667)*, onde saíram 27 cartas do governador minhoto ao trasmontano, cheias de interesse máximo para jul-

garmos dos feitos bélicos dos dois ilustres chefes.

Nestas cartas e nas do conde de São João combinaram-se os planos das diversões tentadas por um e outro, a fim de dividirem as forças castelhanas e mais facilmente invadirem a região inimiga.

Este entendimento facilitou ao conde do Prado o ataque da Guárdia, vila fronteiriça espanhola assás fortificada, e ao conde de São João a tomada da de Alcaniças (Zamora), igualmente guarnecida, permitindo-lhe saquear e sujeitar ao domínio português umas 109 povoações, numa facha de mais de sessenta quilómetros de profundidade por outros tantos de comprimento. Tão gloriosos feitos aureolaram-lhe de terrífica a memória na lenda popular galega.

Logo que rebentou o grito emancipador de 1640, veio Martim Velho da Fonseca, sargento-mór de Viana, organizar a defesa da província de Trás-os-

INVOCACÃO

Ó RAÇA, Ó GENTE
A GRANDES FEITOS DESTINADA!
JÁ OITO SÉCULOS DE HEROÍSMO E BELEZA,
IMORTAL TE CONSAGRAM!

PÁTRIA,
TERRA EMBEBIDA EM GRAÇA,
Ó MINHA MÃI, MINHA MULHER MEU FILHO,
— ONTEM, E HOJE, E AMANHÃ SEM FIM!...

PÁTRIA,
ROSA DE AMOR,
ABRINDO AO SOL DE QUATRO CONTINENTES...
SINAL DA CRUZ ABERTO
NAS CINCO CHAGAS RUBRAS DA BANDEIRA!

PÁTRIA
DOS MILAGRES DE OURIQUE E DA BATALHA
DE ALJUBARROTA...
BERÇO DE HENRIQUE,
DO MAR, DAS DESCOBERTAS!
PEQUENO POVO IMENSO, REPARTIDO
PELOS IMPÉRIOS DA EUROPA E DA ÁFRICA,
DA ÁSIA E DO BRAZIL!

PÁTRIA,
GESTA SAGRADA
ESCRITA COM O SANGUE DOS TEUS HERÓIS,
E COM PALAVRAS DE OIRO NUM POEMA!

PÁTRIA,
GESTA SAGRADA
ESCRITA NAS ONDAS DO MAR SALGADO,
QUE PELAS LÁGRIMAS E O GÉNIO DOS PORTU-
GUESES
SE FEZ MAIOR...
E PARA SEMPRE FICOU CHAMADO
MAR PORTUGUÊS!

PÁTRIA,
QUIMERA VIVA ARDENDO,
PORTUGAL! PORTUGAL!
— MEU CORAÇÃO PULSANDO NA ETERNIDADE!

GUIMARÃIS
Ano Aureo de 1940.

Américo Durão.



Capitão Henrique Galvão
Realizador das
Comemorações Centenárias em Guimarães

Montes, onde tomou as providências necessárias, levantando trincheiras e guarnecendo-as de tropas. Demorou neste serviço até 3 de Fevereiro de 1641, que veio Rui de Figueiredo de Alarcão nomeado governador das armas da província.

No Museu de Bragança conserva-se uma carta do conde de Mesquitela, governador das armas da província de Trás-os-Montes, datada de 18 de No-

vembro de 1660, na qual diz ao Cabido de Miranda, que brevemente chegarão ali cinquenta pedreiros do Minho, para continuarem as fortificações dessa cidade.

No mesmo Museu há outras cartas referentes a dinheiros do rendimento da mitra, então sé vaga, enviados, por ordem régia, à província do Minho para fortificações militares e soldos de tropas.



Dr. Júlio Dantas
Presidente
da Comissão Executiva dos Centenários

Sursum corda!

Por Júlio Brandão.

GUIMARÃIS, a cidade gloriosa, vai adornar-se das mais esplêndidas galas. Virão dos lugares mais recônditos as mais belas rosas de Portugal, e será uma preiamar fantástica de flores — ao passo que dos morros longínquos estrelarão o céu fogueiras emblemáticas, a anunciar aos povoados a independência da Pátria, como se fôssem imensas constelações que alumiassem da terra os céus misteriosos... Entretanto flutuará aos ventos a bandeira da Fundação.

E eu cuido ver, nos adornos do seu Castelo, a sombra augusta do moço rei, depois da batalha de S. Mamede, entre os seus homens de armas mais fiéis, contemplando longamente as estrélas, como os velhos astrólogos...

Os astros desta vez não mentiram! A vitória de S. Mamede é o fecho épico, que consolida definitivamente a independência, com que a flor dos Heróis portugueses afirma de vez a consciência nacional, obrigando Dona Teresa e o senhor de Trava a entregarem a êsse rei moço e valoroso os destinos dum povo.

De D. Afonso Henriques talvez se pudesse dizer, como o grande poeta Emilio Vaehaereu dum herói da sua Flandres, a quem assacavam crueldades e baixezas. Que importava tudo isso,

*«Si le premier, avec ses deux mains acharnées,
Il a serré le noeud des destinées
Autour du coeur de son pays!»*

*

Estas celebrações centenárias calam bem fundo na alma portuguesa, «de todas a mais talhada para o heroísmo», no dizer dum Historiador.

Abrem clarões fulgentes. Criam o afêro à terra sagrada da Pátria, que nos embalou de glória, chamam em côro os nossos grandes mortos — pois nós vivemos de fantasmas!

Bendita a hora dos sentimentos sublimes, que nos enchem magnificamente a vida! Actuam sobre nós muito mais do que pareça a espíritos irreflectidos. Alumiam-nos a alma de lume eterno. Todos temos de ir buscar ao Passado, e aos seus mais nobres exemplos, aquele ensinamento e virtudes — claridades sempre guiadoras neste fantástico e misterioso labirinto. A nossa História é vasta e deslumbrante, o panorama imenso e de infinitos cambiantes. E' joear e escolher. Na realidade é uma grande escola, a escola dos fantasmas!



Monsenhor
João António Ribeiro
Arcebispo de
Guimarães

Cónegos de Guimarães

Post scriptum

Dois factos gloriosos

nos séculos XIII a XV

Por Alfredo Pimenta.

E' o primeiro esboço do catálogo dos Cónegos da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães. Limito-me aos séculos XIII a XV, porque do século XVI para cá, há, no Arquivo Municipal de Guimarães, elementos já coligidos que estão apenas à espera de que eu me resolva a publicá-los.

Artigo de jornal — esquivo-me à tentação de fundamentar com textos a existência histórica dos Cónegos alfabetados. Indicarei tam sòmente as datas dos documentos que a garantem. Com excepção de meia dúzia, todos os cónegos foram catados no *Catálogo dos Pergaminhos existentes no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães*, do benemérito Abade de Tagilde, e publicado em 1909.

Solicitado pelo sr. Antonino Dias de Castro, director das *Notícias de Guimarães* e meu bom amigo, a colaborar neste número especial comemorativo das Festas Centenárias, e incapaz por deficiência própria de ser brilhante, espero que não serei de todo inútil.

Em vez da ordem cronológica, adoptei a ordem alfabética.

*

AFONSO ANDRÉ. Em 31 de janeiro de 1438. Era também Abade de S. Gens de Montelongo.

AFONSO ANES. Em 14 de agosto de 1425. Era também Abade de S. Paio. Em 14 de setembro de 1458 é assinalado o mesmo nome. Será o mesmo Cónego?

AFONSO RODRIGUES. Em 29 de novembro de 1424. Era também Abade de S. Martinho de Candoso. Ainda era vivo, em 18 de agosto de 1430.

ALVARO PERES. Citado em documento de 24 de fevereiro de 1337: «alvaro perez coonjgo de Guimaraens...»

BARTOLOMEU FERNANDES. Em 1393. Era também Abade de Tagilde.

DOMINGOS (MESTRE). Em 10 de setembro de 1288.

DOMINGOS ESTEVES. Em 28 de março de 1298. Era também Reitor de Santa Maria de Silves.

DOMINGOS PIRES. Em 23 de agosto de 1302.

ESTÉVAM PIRES. Em 12 de fevereiro de 1273.

FERNANDO PERES BOUSOM. E' citado em documento de julho de 1239, como tendo sido cónego: «quondam canonici Vimar.» (in *Vimaranis M. Histórica*, doc. n.º 226).

FERNÃO ANES. Em 6 de dezembro de 1464.

FERNÃO GONÇALVES DE ARAÚJO. Em 1 de janeiro de 1426. Era também Abade de S. Gens de Montelongo.

FRANCISCO MARTINS. Em 20 de março de 1338. Era também Abade de Tagilde.

GARCIA CAMINHA. Em 28 de setembro de 1496.

GERVAZ GONÇALVES. Em 18 de agosto de 1430. Era também Abade de S. Gens de Montelongo.

GIL EANES DE PENELA. Em 25 de outubro de 1363.

GIL VAAZ. Em 24 de janeiro de 1480. Era também Abade de Ronfe.

GOMES GONÇALVES. Em 15 de dezembro de 1350.

GOMES LOURENÇO. Em 27 de março de 1336. Fêz testamento em 5 de fevereiro de 1354. Parece que morreu nesse ano.

GONÇALO ANES DE ÉVORA. Em 25 de maio de 1377.

GONÇALO DOMINGUES. Na mesma data.

GONÇALO PEREZ. Em documento de 24 de fevereiro de 1337: «Gonçalo perez coonjgo que ffoj de Guimaraens». Era-o em 26 de outubro de 1328.

GONÇALO VIEIRA. Em 25 de maio de 1377.

N. B. Coincidência curiosa: Nesta data de 25 de maio de 1377, havia, entre os Cónegos, três Gonçalos. E o Prior era também Gonçalo: Gonçalo Vasques (1374-1383).

JOÃO DE BURGO. Em 2 de novembro de 1362.

JOÃO DOMINGUES. Entre 1497 e 1510, sendo, ao mesmo tempo, Abade de Tagilde.

JOÃO EANES. Em 28 de março de 1373. Era também Abade de S. Tomé de Caldelas.

JOÃO ESTEVES. Em 1 de junho de 1401. Era também Abade das Caldas.

JOÃO GONÇALVES. Em 18 de agosto de 1430. Era também Abade de Cerzedo.

JOÃO MARTINS. Entre 1347 e 1351. Era também, nesta época, Abade de Tagilde.

JOÃO VICENTE. Em 31 de janeiro de 1438.

JOSÉ AFONSO. Em 28 de março de 1458.

LOPO AFONSO. Em 22 de setembro de 1456. Era também Abade de Brito.

Por Eduardo de Almeida.

O ESCREVER da História é segura e magnífica lição já — da história do tempo em que se escreve... Tem o cunho de sua época o *Nobiliário* do Conde D. Pedro. Como as *crônicas* de Fernão Lopes e Damião de Gões, as biografias de Rezende, a alentada «imaginação inflamável» de Frei Bernardo de Brito, Herculano, Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, ou os actuais António Sérgio, Alfredo Pimenta, Rodrigues Cavalheiro. O mesmo facto objectivo se apresenta a nossos olhos com a indumentária do século, e não raro a mascarilha encobre-lhe o rosto e o figurino andraja ou afidalga a nudez forte. E' como o romancear das velhas idades nas páginas do *Bôbo* e nas de *Flaubert*, ou nos capítulos da *Tôrre de D. Ramires*, com que deliciosamente o delicioso Eça de Queiroz fazia evocar das horas afonsinas a musgosa anciania, com as épicas jornadas dos preclaros senhores da *Tôrre de Santa Ireneia*.

Não pode assim culpar-se de criminosa ou feia ignara a irresistível tendência, meu velho achaque de ao ler — resadamente — as palavras do Foral de D. Afonso Henriques aos bons homens de Vimaranes, me sentir logo transposto ainda a mais velhos tempos, meditando, enlevadamente, neste conceito de Sarmento — «Os Lusitanos têm, graças à sua posição geográfica, uma das mais puras árvores genealógicas dos povos antigos.» Muitas vezes me surpreendo, em repousado encanto (não obscurecido ao pêso massudo da brumosa erudição), a admirar no ardor de liberdade e independência dos primeiros Viriatos — o génio audacioso e firme dos castrenses. E daí venho a concluir comigo que Guimarães não foi mero acaso na escolha de D. Henrique para burgo de sua côrte, ou no recontro das hostes do Infante com as da formosa D. Tarasia.

LOURENÇO ESTEVES. Em 9 de julho de 1426. Era também Abade de Gondar.

LOURENÇO PIRES. Em 18 de setembro de 1304. Deixava o reitorado de Santa Maria de Silves, pela igreja de Santa Marta de Bouro.

LUÍS AFONSO. Em 20 de julho de 1443. Se não há duplicação de nomes, em maio de 1448, era Mestre escola na Sé de Braga e Vigário Geral.

MARTIM AFONSO. Em 5 de julho de 1430. Desempenhava as funções de Chantre.

MARTIM ALVELO. Em 1 de Setembro de 1335. Ainda vivia em 18 de Outubro de 1342. Já era falecido em 15 de Dezembro de 1350.

MARTIM ANES. Em 24 de fevereiro de 1337. Era também Mestre-escola. Ainda vivia em 20 de Dezembro de 1340.

MARTIM LOURENÇO. Em 7 de julho de 1346. Este Martim Lourenço, Cónego em 1346, é o Martim Lourenço que em 1329 era ao mesmo tempo, Abade de Tagilde e Cónego da Colegiada?

MARTIM MARTINS. Em 23 de agosto de 1302. Era também Abade de Serzedelo. Fêz testamento em 24 de setembro de 1336. Já era falecido em 21 de novembro de 1337.

MARTINHO BENTO. Em 3 de agosto de 1346.

MATEUS NUNES. Em 8 de maio de 1282. Ainda vivia em 10 de setembro de 1288.

MENDO ANES. Em 14 de agosto de 1425.

PEDRO AFONSO. Em 24 de outubro de 1488. Morreu em 30 de setembro de 1498, sendo também Abade de S. Romão de Mesãozinho.

PEDRO FERRAZ. Em 28 de (outubro ou novembro?) de 1306.

PERO MARTINS. Em 10 de Outubro de 1340.

PERO DO SOUTO. Citado em documento de 24 de fevereiro de 1337, como tendo sido Cónego: «... coonjgo que ffoj em outro tempo de Guimaraens» (Abade de Tagilde, *Documentos inéditos dos séculos XII a XV do Mosteiro do Salvador de Souto*, n.º 110).

SIMÃO MARTINS. Em 5 de maio de 1319. Era também Abade de Tagilde. Deixou este cargo, em 1329. Morreu antes de 6 de maio de 1333.

VASCO MARTINS. Em 1 de junho de 1401. Era também Abade da Castanheira.

VICENTE DOMINGUES. Em 16 de Novembro de 1359. Ainda vivia em 7 de outubro de 1362.

*

E agora, outro investigador que este trabalho anime, descubra mais nomes.

Lisboa, 27 de Abril de 1940.

Por Correia Marques.

INVENCÍVEL foi o gigante enquanto pôde manter contacto com a Terra, sua mãe. Logo, porém, que Hércules o solevantou do solo, facilmente o estrangulou, vencendo na luta sem quartel.

Como Anteu, mantenhámos sempre contacto com as raízes da nossa História, com a origem da nossa Raça. Sejamos antigos e sejamos modernos. Ligue-se a nossa vida nacional, cada vez mais mûça, às eras avitas, aos tempos heróicos, em que a raça lutou com ânimo e venceu com glória, e dessa lembrança partamos para os destinos novos, cõscios de que as qualidades da Gente vivem sempre na mesma Terra, de onde a Raça partiu para o mundo todo, abrindo o globo à civilização e à evangelização dos povos.

Começam as comemorações da Fundação e da Restauração da Monarquia Portuguesa em 2 de Junho, por um solene *Te-Deum* em tôdas as sés, colegiadas e velhas matrizes de Portugal e do seu Império. A Raça inteira agradece a Deus a sua enorme duração — oito séculos, a mais dilatada continuidade histórica de que a Europa se pode orgulhar — e a confiança com que, precisamente em tão perturbado momento da vida europeia, pode enfrentar o futuro e continuar a sua marcha através da História. Ao fim de oito séculos de vida tam gloriosamente repartida em pedaços pelo mundo, Portugal encontra-se moço e cheio de vigor para a jornada. Quantas nacionalidades robustas e orgulhosas deixou pelo caminho, sepultadas na poeira dos séculos!

Volviendo um olhar retrospectivo para as eras decorridas, podemos considerar-nos, sem enfatuação, um grande povo. «Ninguém ama a sua pátria porque é grande, mas porque é sua» — escreveu Séneca. Nós devemos amá-la porque é nossa e porque tem sido grande. Tam grande, que ainda hoje se encontra representada pelo mundo todo.

O segundo dia das comemorações — o primeiro dia particular — é o de Guimarães. Na imponente e gloriosa tôrre de menagem do Castelo de Mumadona se levantará a bandeira de D. Afonso Henriques. O pensamento nacional vinha já de tempos anteriores. Os barões, que encontraram no Borgonha um chefe, tinham um conceito de pátria e raça, a que a acção de D. Henrique principiara a dar vulto e ordenação. E tam vivo e consciente se tornou que D. Tareja, a Infanta-Rainha, viu arrebatado das suas mãos varonis o govêrno, só porque dêle poderia vir a ser comparte um conde galego, pelos rudes barões portugueses tido como estrangeiro. Portugal existia muito antes do Conde D. Henrique aparecer nestas bandas ocidentais da Península. Mas foi só depois dêle que a Raça se sentiu capaz de criar um estado seu, de proclamar a sua independência. Após S. Mamede, mal transcorrido o primeiro quartel do século XII, a monarquia portuguesa é um facto. Os barões portugueses formam à volta do seu chefe, o primeiro Rei de Portugal, uma unidade, que já nada destruirá. D. Afonso Henriques é, não só a primeira figura da nossa História, mas uma das mais notáveis da Europa. Grande soldado e grande político, a sua obra tem passante de oito séculos. A monarquia que fundou susteve a Pátria nos maiores perigos, salvou-a no decorrer de centúrias cortadas de terríveis aventuras e entregou-a aos portugueses da idade de hoje para a grave responsabilidade de continuarem a sua grandeza e prestígio.

Um dos mais duros transe da nacionalidade foi o de Alcácer Quibir. O Rei e o escol da Nação lá ficaram nos areais adustos da Africa. Por motivos jurídicos, políticos e militares, a coroa coube a um homem que, sendo Rei de outra Nação, era um estranho. Prometera êle respeitar escrupulosamente as prerrogativas de Portugal, ser bem o Rei de Portugal. Porque principiou a faltar à promessa e porque os seus sucessores acentuaram a quebra da palavra régia, foi um instante enquanto os portugueses, naquela manhã luminosa e fresca de 1 de Dezembro de 1640, foram ao Paço da Ribeira e tiraram um Rei e puseram outro, segundo o expressivo dizer de João Pinto. Vinte e oito anos de luta se seguiram, mas a Nação, a-pesar-de esgotada, enfraquecida pelo Descobrimento e pela Conquista e principalmente pelo Domínio estrangeiro, conquistou bravamente a liberdade e restabeleceu a Monarquia com feição bem portuguesa, insofismavelmente nacional. A Espanha, que devorara tantas nacionalidades, como na Península houve, não conseguiu nunca absorver a portuguesa — fenómeno que ainda hoje espanta os pensadores e historiadores daquela Nação.

Estes dois factos, que vamos comemorar, num momento em que tôda a Europa se encontra em guerra ou por ela está ameaçada, — parecendo que a paz se refugiou na Península, constituindo nas duas nações hispânicas a reserva moral e jurídica da Europa futura — são gloriosos e grandes. Nada representam contra o direito

(Continua na página 12).

IN PRINCÍPIO

Vem uma Figura, (que será Portugal) em armas e hábito de Monge-Cavaleiro, trazendo nas mãos um Rosário, cujas contas são de diamante; mas as Glórias e os Padre-Nossos não-de ser grandes rubins de fogo, ou esmeraldas de verde esperança, ou róxas ametistas de saúde... O Rosário brilha como as estrelas e como as lágrimas. E a figura (que será Portugal), passando as contas entre os dedos, assim começa, dizendo o

PRÓLOGO

Lá fundo, no tempo fundo,
Há quanto tempo foi isto?
— Alongo os olhos: avisto,
E dou fé, que sobre o mundo
Mil anos andará Cristo;
E, desde então, hora a hora,
Com sua Cruz, seus espinhos,
Outros mil, quasi certinhos,
Jesus andou, por 'hi fora,
Em nossos negros caminhos...
Rosário vivo, o da História!
Conta a conta, sem desvio,
Corre o tempo fugidío;
Só, de longe em longe, a Glória:
E maior conta no fio.
Conta maior: Estação
Onde um Padre-Nosso é como
Divino fim, claro assomo
Das Avés que se dirão...
— Depois das fôlhas, o pomo.
Desde o princípio, seu berço,
A História de Portugal
Não faz Rosário: inda mal
Passa os mistérios dum Terço...
Mas tem a Cruz, afinal!
E, mesmo assim, como é lindo!
Nem será Rosário só:
— Novas contas, nó em nó,
Irão descendo e subindo
Como a Escada de Jacob.
Cinco Mistérios de estrela!
São: Ourique; Aljubarrota;
Índias; Alcácer; e aquela
Manhã de sol que a Castela
Levou a Noite e a Derrota...
— «Avé, Pátria!» — E, dia a dia,
As nossas contas rezamos.
Vai, senão quando... Onde vamos?!
Dizemos: — «Santa Maria...
Hora da morte!» — E paramos.
Rezas de tamanha herança,
Contas dos nossos Avós,
Que mal as rezamos nós!
Sem devoção, fé e espr'ança,
Perdidos de voz em voz...
Se já não foram ao chão,
E' porque Nossa Senhora
(Assim o fêz, inda agora,
As guarda na sua mão:
Põe-se a rezá-las, e chora!
Mas, enfim! por entre meos
E anceios, a Noite passa...
(Eu te arrenego, Desgraça!)
Vou correr, pelos meus dedos,
As contas da velha Raça:
— «Avé, Pátria!» — E, começando
Na Visão do começar,
(Apurem almas e olhar!)
Vereis um Berço, embalando
Portugal inda a criar...

Parecendo um sonho; por entre sombras e névoas de oiro e rosa, qual profunda madrugada de Primavera; tão longe dos olhos que mais será dentro da alma: logo principiará esta Visão. E a figura que disse o prólogo há-de acompanhá-la sempre: ora em recolhimento de êxtasis, ora esclarecendo-a com certas passagens da rubrica.

AUTO DO BERÇO

Terras e gentes, farrapos da antiga Lusitânia, há quasi mil anos: quando ainda Portugal não era um Reino, mas um pequenino Condado, ao mando de outros Povos da Hespanha...

Governam os Príncipes Dom Henrique e Dona Tereza. Ele, um belo e estremado Cavaleiro, batilhando noite e dia contra a moirama e Castela, — entre as quais estava Portugal, já então, como hoje, o mais cubiado palminho de chão, retiro de Deus e so-cairo do mundo. Ela, uma Fada, pela sua formosura de maravilha e grandes e desvairados encantamentos de amor.

Passa-se no Castelo de Guimarães, na sua torre mais alta, no mais alto sobrado: Larga quadra com janelas em seteiro para tôdas as vistas do céu e da terra; e uma, com seu varandim, à maneira de púlpito, entre as naves da serra, voltada ao nascer do sol. As paredes são de granito, panejadas, de onde a onde, com vistosas e solenes colchas de brocado. Pétes de urso branco e de loiras corças alcatifam o piso. Apenas uma luzerna de bronze, suspensa da trave mestra, alumia a câmara. E' como um lusco-fusco: a chama do lampadário, ainda que dê luz, não tira as sombras.

Quasi ao fundo, como que num Oratório para cujo estrado se sobe por sete degraus, vê-se um berço, velado por finos e ondulantes sendais de alva gaze entreluzida de oiro e púrpura.
Dorme no berço, ainda menino de peito, Dom Afonso Henriques, filho daqueles nobres Condes de Portucale, que virá a ser, no fio dos tempos, em bem lidada e aventureira lida, o nosso primeiro Rei. Foi ele quem, pela força das armas e clara manhã do entendimento, contra a Moirama e contra as Hispanhas, fundou esta nossa Pátria que, — para glória do mundo e amor dos Portugueses, — Deus defenda e guarde pelos séculos dos séculos. (E, todos quantos isto ouvirem, dirão: Amen!)

E' noite velha, pelo S. João. Os galos já cantaram três vezes, chamando a madrugada.

Fora, rente ao Castelo, como que arrastada na sombra, maguada nas pedras da calçada romana, — parecendo o desabafado queixume de todo um Povo, — ouve-se uma voz, cantado.

Auto do Berço

Por António Correia de Oliveira.

UM CAMINHEIRO:

Lusitânia, a Rôla brava,
Rolava no seu cantinho...
Deram com ela os milhafres:
Nunca mais voltou ao ninho.

Escravo da Noite alheia,
Peregrino da Desgraça,
Velha Pátria é cinza morta,
Minha terra é de quem passa!

Juntem-se as almas aos corpos:
Venha o Juízo Final...
Chão e Raça, que já foram,
O que não-de ser? — Portugal!

OS ECOS DA MONTANHA:

Chão e Raça, que já foram,
O que não-de ser? — Portugal...

Entra na câmara o Conde Dom Henrique. Sobre a armadura, um manto de sirgo branco, com a Cruz de Cristo, a encarnado de sangue, ao lado do coração. Caminha de manso; mas, sob os seus passos de ferro, o sobrado estraleja, a lâmpada baloiaça, agitando as sombras. Aproxima-se do berço, onde o menino dorme. Levanta a viseira do elmo coroadado e resplandecente. Ajoelha nos degraus do estrado; e, como quem reza, assim dirá

O CONDE DOM HENRIQUE

Filho meu estremecido,
Que estremeces, dentro em mim,
A minha carne, a minh'alma
No que sou, para o que vim.

Um filho, é nó da cadeia
Que se chama a Geração:
Dum lado os mortos que foram;
D'outro, os vivos que serão...

E, filho! ao dizer teu nome,
Embalam na minha voz
Berços, a vir do teu berço,
E os berços dos meus Avós.

Já faz parte do meu corpo,
Meus ossos, férrea armadura;
— Da carne da minha carne,
Só tu, meu filho! és doçura.

De tanto que dou a morte
A batalhar nesta lida,
— Só em ti eu dei meu sangue:
Só em ti gerei a Vida!

(Clarins, ao longe, varam o silêncio da noite)

Filho meu! adeus, adeus...
Os moiros chamam à guerra:
E a Deus votei a minh'alma;
A ti sagrei nossa terra.

Pela cruz da minha espada,
Sobre a Moirama e Castela,
Jurei deixar-te uma Pátria
Maior, mais livre e mais bela!

Portugal inda é pequeno
Como tu és pequenino?...
— Portugal, acima! acorda!
Dorme! dorme! meu menino.

A' guerra eu vou... Em voltando,
Para brincar, terás mais
Duas montanhas, tão altas
Como as das águas reais.

Jurei-o por alma e vida,
E a morte, em alma, responde:
— Tornar-se berço dum Rei
A sepultura dum Conde...

Sai. Entra Egas Moniz, aio do Menino, também todo armado, já de longas barbas brancas. Acerca-se do berço, embalando-o, de leve, com a sua manópla de ferro.

EGAS MONIZ:

Ah! meu Conde pequenino,
Mofará quem o souber:
Duro guerreiro e teu aio
Em carícias de mulher?!
Férreo colo, mão de ferro,
Embalando este cristal...
— Ai de mim, se te partira,
Redoma de Portugal!

A' guerra eu vou, Condesinho,
Aprender, contra a Moirama,
Lançadas que hei-de ensinar-te
Com a roca da tua Ama.

Ao meu cavalo, o mais féro,
Pedirei altos conselhos,
Para t'os dar, meu menino,
Saltando sobre os joelhos.

Para as lides, Cavaleiro;
Para ti, carinhos de aio:
Trago cerejas, voltando?
Armas levo, quando saio.

Arreda! arreda! Castela:
Quero espreguiçar os braços...
— A Portugal já lhe pesa
Ser terreiro dos teus Paços!

Sai. Fora, cada vez mais perto, fanfarras de batalha, tropel de cavalos, fragor de armaduras. Entra um bando de Cavaleiros, lança e escudo, com várias bandeiras de suas côres.

CÔRO DOS CAVALEIROS:

Cavaleiros, Cavaleiros
Das terras de Portugal,
Fazem um mar, todos juntos,
Sendo um rio cada qual!

Portugal é já pequeno
para o berço do seu Conde?
— Se um Trono quer mais espaço,
Senhor Deus! há muito aonde.

Ao largo, Moiros! ao largo.
Arreda, arreda, Castela!
— Esta rosa quer abrir:
Não se debruceem sobre ela.

Portugal, Arvore santa,
Chegou já a tanta altura,
Que ou lhe cortam as raízes,
Ou dará fruta madura.

Vai na Espanha a primavera:
Surgem Pátrias onde passa...
— Somos o Março dos séculos
No tronco da velha Raça!

Somos como as Águias, quando,
Mal Abril vem a caminho,
Só acham graça aos rochedos
Onde as mãis fizeram ninho.

Castela! ajusta com outras
Serviço, amor e soldada;
— A Pátria que nós criamos
Não será tua criada!

Dorme, Conde! Em acordando,
Talvez encontres um Trono...
Dorme, filho! — Nós seremos
Sonhos vivos do teu sono.

Eia! juntos, Cavaleiros,
Juntinhos como um trigal;
Cada lança, é loira espiga:
— Pão-nosso de Portugal!

Cinco dos Cavaleiros, os maiores, abeiram-se do berço, onde o Menino dorme sempre; e cada um, a espada nua, fará a sua reverência.

1.º CAVALEIRO:

Da Beira eu sou... Diz o Vouga:
— «Português da serra ao mar,
As águas do teu Baptismo
Eu só as devêra dar...»

2.º CAVALEIRO:

O Mondego, onde eu nasci,
Fez-me seu embaixador:
— Diz que as saudades são grandes,
Mas a esp'ança inda é maior.

3.º CAVALEIRO:

Minha terra não tem rios:
Mais do que o mar, é o Marão!
— Diz que as ondas do teu berço
Inda mais altas serão...

4.º CAVALEIRO:

Douro e Minho: lindas fitas
Da cinta da Madre-terra!
— Diz que t'as dá, para a espada
Com que um dia hás-de ir à guerra.

5.º CAVALEIRO:

O Tejo manda dizer-te
Que inda chora areias de oiro
Por ter nascido em Espanha,
Ser cristão, e morrer moiro!

CÔRO

Conde Afonso, pequenino,
Deus te crie para bem:
Pai e Rei dos nossos filhos
Que estão no berço também...

Vão-se os Cavaleiros. A Infanta Dona Tereza tem entrado e ouvido as suas últimas falas; debruça-se do varandim ao terreiro d'onde vai partir a hoste cristã. Então, parecendo subir contra ela na chama rubra dos fogareus, ergue-se uma voz, em estrangeira toada, amorosa e languida, sedenta e perturbadora, como se fosse a alma da Galiza inteira.

O CONDE DE TRAVA:

E's um Pomar de entre a cêrca;
Mas sempre o Amor, quando quis,
Enrama por sobre os muros,
Deita por longe a rais.

Noite escura... O' Condeninho,
Ide pedir de mamar:
Talvez o leite, escorrendo,
Encha a noite de luar.

O' laranjinha redonda,
Laranjeira, meu amor:
Trazes ao colo o teu fruto,
Sem deixar de estar em flor!

Rio Minho, entre dois Reinos,
E's uma estóla de prata...
— Estólas que prendem noivos?
Maldito quem as desata!

UM BARÃO PORTUGUÊS:

Portugal, anda e desanda,
De Norte a Sul, com a brisa;
— Olhos verdes são traidores:
Verdes são os da Galiza...

OUTRO BARÃO PORTUGUÊS:

Nossa Pátria é donzelinha?
Há-de crescer, e casar;
Serra trigueira, é seu noivo
Rei dos gigantes: o Mar!

OUTRO BARÃO PORTUGUÊS:

Portugal, é como o Sol:
Não torna atrás seu mandato:
Só em dando a volta às ondas
Pode nascer do outro lado.

CÔRO DOS CAVALEIROS:

Largar! largar! Cavaleiros.
Que não madrugue a Moirama,
E a nossa espada no fôro,
Qual donzela em sua cama...

Abala a gente, num estrépito de corseis ferrados de bronze, embater de armaduras, atambores e clarins. A Infanta, envôlta em longo manto de escarlata, cabêlos de oiro desmanchados nos ombros, encaminha-se para o berço. Parece que a sua formosura embacia a luz da lâmpada. Respira-se, pelo balcão, um entontecente e cáldo perfume de cravos. As estrelas desmaiam no céu. Cantam os rouxinóis nas balseiras vizinhas.

O Menino faz um jeito de acordar; a mãe embala-o. E, enquanto o acalenta, irá dizendo em doridas vozes de adivinhação e terror

A INFANTA:

Que Deus te mande, meu filho,
Anjos do céu a embalar:
Uns da banda da Montanha,
Outros das bandas do Mar.

O teu Pai anda na guerra;
Deus o traga de onde fôr...
— Não fôsse eu onde me levam
Negras batalhas de amor!

Sonhos que tive esta noite,
Não os oiças... — Inda bem
Que muitos filhos não sabem
Segredos da sua mãe.

Mas não! melhor do que aos outros,
Fala-se a um filho inocente;
Mesmo a Deus, que é sempre Deus...
E um filho é a alma da gente.

Eu sonhei que te enjeitava;
E a Portugal quis prendê-lo:
Prendê-lo quis à Galiza
Nas tranças do meu cabelo.

Despresei-o, quando n'alma
Em mais amor o trouxera
Do que Fruto, em seio de árvore,
Ou Cria, em ninho de fera!

Ah! sonho mau... O' meu filho:
Se fôsse como eu dizia,
Tôda a pena será pouca
Para as culpas desse dia.

Meu filho! se eu te deixar
E a Portugal trouxer guerra,
— Tombem, juntas, no meu peito,
As penhas d'aquela serra.

Todo o grilhão será leve;
Um céu a prisão imunda;
Baixa de mais tôda a cova,
Inda a mais negra e mais funda.

Dois crimes num crime: E, d'êles,
Qual o maior? Não sei qual!
— Enjeitar um Rei, meu filho;
Fazer guerra a Portugal...

O Menino acorda e chora. Calam-se os rouxinóis. Um morcego enorme, Avejão sinistro, rompendo pela janela, esvoaça agourentamente em torno da lâmpada. Em vão a Infanta quer sossegar o filho, dando-lhe o seio — que êle repulsa.

Rejeitas, filho! o meu leite?
— Pensamentos de quem sonha
Talvez derramem no sangue
Travo de lume ou peçonha...

UMA VOZ MISTERIOSA E TERRÍVEL:

O leite torna a ser sangue,
O sangue torna a aleitar;
Quantos filhos, — se soubessem, —
Deixariam de mamar!

Então, angustiadamente, a Infanta, correndo um reposteiro; faz acenos de quem chama: E logo entra um bando de Aias e Pagens, todos de menos de catorze anos, trazendo pequenos adufes e violas. Após êles, virá também o Bôbo, (assim como um anão dos contos de Fadas) todo coberto de europeus, tliitando guisos, fazendo arremedos e murmurando misteriosas palavras. E, enquanto a Infanta novamente ajoelha perto do berço, irão, de mansinho, mãos dadas, vestidos de branco, coroados de rosas, tocando, cantando e bailando em volta do Menino.

UM PAGEM:

Calai, Menino! calai-vos.
Se o Pai vos ouve na guerra,
Volta as rédeas: deixa os moiros,
Correndo vem, vale em serra!

O BÔBO:

A Dôr eu sou: Bailo e canto,
Tal qual o Povo, coitado...
O pranto, — errando o caminho, —
Ri-me na bôca, enganado!

UMA AIA:

Calai, Menino! calavai-vos.
Se vos ouve Portugal...
— Que soluços aí foram,
Desde o rio ao pinheiral!

Gratas recordações a propósito das Comemorações Centenárias

Por Mons. J. Augusto Ferreira.

QUANDO recebi convite para colaborar em o n.º especial do semanário regionalista «Notícias de Guimarães», dedicado a comemorar o duplo centenário da fundação da nacionalidade portuguesa, primeiro do Condado portugalense e depois do reino de Portugal, e da Restauração da sua independência em 1640, ocorreu logo ao meu espírito a memória saudável do ilustre e ilustrado sacerdote vimaranense João Gomes de Oliveira Guimarães, bondoso Abade de Tagilde. Era um figura simpática e aliciante. Conheci-o ainda estudante, quando frequentava o Curso teológico do Seminário de Braga, onde fôra aluno distinto.

Os seus conterrâneos chamavam-lhe o Santo Amaro, talvez o nome do lugar da freguesia de Mascotelos, onde nascera, no concelho de Guimaraes, e que, depois de ordenado, paroquiara até à sua transferência para a freguesia de Tagilde, do mesmo concelho, na qual prematuramente falecera em 1912.

Contudo as minhas relações com êste cultíssimo Pa-



Abade de Tagilde

dre datam da praia de Vila do Conde, onde êle aparecia, na época balnear, de visita à distinta família Pombeiro, de que era uma espécie de director de consciência.

Quási todos os dias nos encontrávamos, e a sua interessante conversa tinha por objectivo o passado histórico de Guimarães, os seus monumentos e os seus homens de estudo.

Nunca me disse mal de ninguém.

Falava com entusiasmo de dois antigos e eruditos Cónegos da Colegiada vimaranense — Gaspar Estaço e José Anastácio de Figueiredo, cujas obras citava de cor.

Conhecia profundamente o Arquivo da Câmara de Guimarães, de que fôra Presidente emérito, e o Arquivo da Colegiada, que frequentava com assiduidade.

Iniciou essa monumental obra — *Vimaranis Monumenta Histórica*, ou antes foi o primeiro director desse colossal trabalho, cuja *Pars I* se publicou em 1908. No ano imediato de 1909 deu à estampa o *Catálogo dos Pergaminhos existentes no Arquivo da Colegiada de Guimarães*, que fôra um dos mais antigos e ricos do país. Conheço dêle ainda outras obras de merecimento, como: *Apointamentos para a História de Guimarães*; e o *Culto de Nossa Senhora na mesma cidade e concelho*.

Foi um dos eruditos colaboradores da excelente «Revista de Guimarães», onde em vários artigos corrigiu o *Catálogo dos Piores de Guimarães*, publicado nas *Memórias da Academia Real da História*, elaborado pelo Dr. Serra Craesbeck.

No século passado houve na referida cidade de Guimarães dois arqueólogos notáveis: Francisco Martins Sarmiento e Alberto Sampaio; parece-me que poderia, sem desprimor para nenhum dêles, completar a trindade o Abade de Tagilde Oliveira Guimarães.

* * *

E ao fazer esta amenta da arqueologia e da cultura vimaranense, onde luziram figuras que muito engrandeceram aquela nobre cidade, seja-me lícito ainda, na hora

Rasto Luminoso!

*Pátria! Vejo o nome teu
Gravado no azul do céu!
E cada dia que passa,
E cada dia que finda,
E' teu doce nome ainda
Que, na minha alma, esvoaça...*

*Iluminam-se as estrelas,
Brotam espinhos também,
E sempre teu nome vejo
Escrito em mil coisas belas,
Como se fôsse algum beijo
Dado por lábios de mãe...*

*Pelo còrrego mais feio
Ou pelas margens do abismo,
Em tudo o teu nome leio
E nele, quedando, cismo!
— E' que foi dêle que veio
Tôda a fé do nosso heroísmo!...*

*Terra e céu, o que é tudo isto
Que nos rodeia e seduz,
Senão a Pátria, que avisto
Tôda inundada de luz?!*

*Pois se foi Deus que a criou
E talhou o seu destino,
Como um sorriso divino
Com que a terra iluminou!
Se foi Deus... — quem poderá
Não ver sempre o nome teu
Escrito, assim como está,
No mar, na terra e no céu?!...*

Quinta de Vila Verde—1940.

Jerónimo de Almeida.



Martins Sarmiento

que passa, evocar pela saudade alguns nomes de indivíduos do meu pessoal conhecimento e afectuosa estima, a saber: o Cónego José Maria Gomes, Albano Belino, e o Padre Gaspar Roriz, inesperadamente separados, pela morte, dos amigos, que tanto lhes queriam, da terra que dedicada e desinteressadamente serviram, e das letras, que cultivavam com amor, concludo êste breve e desataviado artigo com as palavras que Camões dirigiu a D. Sebastião, cantando as proezas dos portugueses, se não com o mesmo entusiasmo, pelo menos com igual firmeza:

*“Ouvi, que não vereis com vãs façanhas
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
músas, de engrandecer-se desejosas...”*

«Lusiadas», C. I, Est. II.

Braga, dia da Vigília do Pentecostes, 11 de Maio de 1940.

Deus--Pátria

Por C. C. Crato.

E' grandioso o nome da PÁTRIA!

Constitue uma grande força que tem a faculdade de prender todos os corações e a que devemos render o culto da nossa consciência acompanhado pelo maior e mais sacrossanto amor — o amor próprio.

Tudo quanto pode excitar a nossa sensibilidade, na terra onde nascemos, onde vivemos e nos acostumámos, é de natureza a podermos sentir e exclamar que amamos o torrão pátrio que concretiza todo o nosso espírito e espiritualiza o nosso coração.

Mas a Pátria não é constituída somente pelo torrão natal. E' igualmente a família, é o lar. E' também êsse organismo superior, essa entidade concreta, essa colectividade possante, a que damos o nome de nação e em que pela mecânica histórica ostenta através do espaço e do tempo uma só língua, uma só crença, uma só fé.

E se a influência sentimental da Pátria nos acompanha em tôda a nossa vida e sobretudo nos momentos maus, porque não ter por ela um entranhado amor?!

Este sentimento, enérgico e intenso nos indivíduos, actua ainda mais fortemente nos povos. Onde se observa bem o valor e a robustez dum povo é nos momentos graves e supremos em que corre risco a sua existência, em que um grande perigo o espreita ou um inimigo o pretende subjugar.

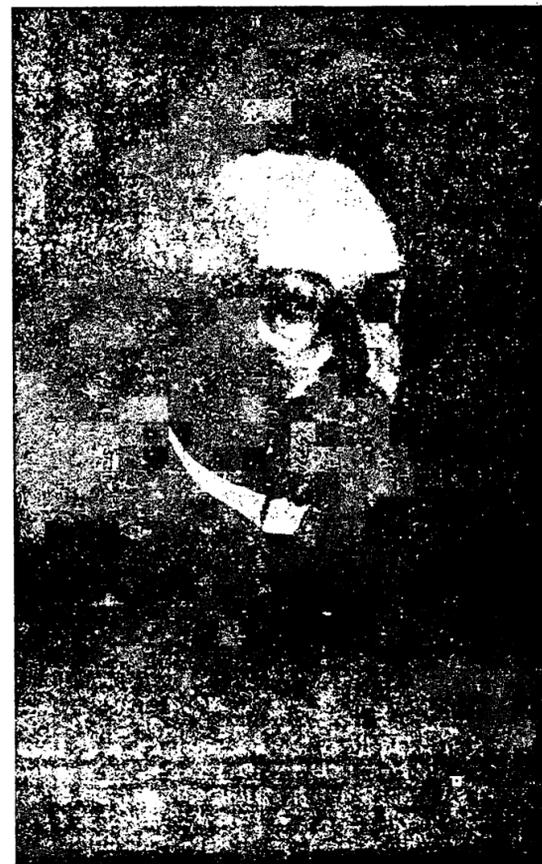
Se em tais lances há uma insensibilidade e manifestações de fraqueza, tudo se perderá, porque devemos lembrar-nos que assim como nas pessoas o acto de perdoar é a mais nobre das vinganças, nas nações a desafronta é a mais imperiosa das virtudes. Então tudo se levanta e como uma forte corrente magnética sacode tudo e todos, revolve enérgicamente os ânimos e fortalece todos os fracos. Põe-se então à prova o caracter individual. Surgem então heróis até ai ignorados, mas que com o seu exemplo levam as massas populares a gestos sublimes, de que a nossa história pátria se encontra repleta. Se se enumerassem levaria um tempo infinito, mas que teria o grande mérito de lembrar e incutir aos novos força e ânimo para que se disponham a imitar os seus antepassados e podendo ser ultrapassá-los.

Por todos os factos gloriosos que a nossa história regista é que se tem formado e engrandecido o nosso belo Portugal e que em oito séculos aponta um sem número de triunfos que o tem ennobrecido e causado admiração, a-pesar-de pequeno, e um sem número de glórias no mar que causaram em tempos passados, em que o mar tenebroso não era para todos, a admiração de todo o mundo, com a sua audácia e espírito aventureiro, descobrindo, avassalando e prégando a sagrada religião de Cristo.

Portugal embora pequeno em território é grande no génio, no valor e na história, e nela tem inscrições com letras de ouro os braços nobilíssimos dos seus feitos e das suas glórias. Na dilatação do seu império para além dos mares e nas conquistas de domínios para a fé e de almas para Deus, chegou a assombrar o mundo inteiro.

Infelizmente um momento houve em que Portugal se sentiu oprimido e maus portugueses para isso concorreram. Esqueceram-se das lições do grande Rei D. Afonso Henriques que, batalhando em S. Mamede e em Ourique, mostrou como se ganham batalhas quando há um grande amor pelo torrão onde nascemos, enfim, pela Pátria querida. A nossa história mostra também claramente que podem alguns especuladores apagar nos corações os sentimentos da honra, da fidelidade e do amor pátrio que herdaram dos seus maiores e que foram e hão-de ser sempre o distintivo mais orgulhoso dum português; podem rasgar desapiedadamente as páginas da nossa história, escritas com sangue nobre nos mármore dos nossos templos e nas ameias dos nossos castelos e fortalezas àquem e além mar; podem finalmente querer vilipendiar e pôr até em almoeda êste país sem se importarem com o que por êle fizeram os nossos pais, com as tradições que o ennobrecem, com as glórias que o esmaltam e com os dons naturais com que Deus o abençoou — a beleza do sol que o ilu-

(Conclui na página n.º 10).



Alberto Sampaio

A GAZETA

Por Alberto V. Braça.

QUAL foi o primeiro jornal português?

Levantaram-se apaixonadas polémicas entre os que defendiam a opinião de que as *Relações* de Francisco de Abreu, pseudónimo de Severim de Faria, teriam sido os primeiros periódicos portugueses, e os que aferradamente se inclinavam a admitir que com o aparecimento da *Gazeta*, cognominada da Restauração, começou o periodismo em Portugal.

O mais estrênuo defensor da

Portuguez e a Gazeta de Lisboa.

«A *Gazeta* foi cognominada da Restauração pelos serviços que prestou à consolidação daquele segundo feito da nossa História, e porque para esse fim se criou e foi protegida por D. João IV.» D. António Caetano de Sousa atribue até, em parte, a autoria do próprio monarca a redacção das principais notícias.

Muitos escritores, jornalistas, bibliófilos e tratadistas entraram no torneio literário e deba-

nas da Europa, resta-nos tratar da introdução deste genero de escritos no nosso país.

O Sr. João Pedro Ribeiro cita um decreto de 1642, em que se proibem os periódicos, *pela pouca verdade de muitos e o estilo de todos*. Isto parece provar que esta especie de escritos estava generalizada em Portugal, já por aqueles tempos. Porém nem nós pudemos achar tais periódicos, nem aquele erudito escritor, que sobre a matéria consultamos, nos pôde dar esclarecimentos acerca de semelhante objecto.

Apesar de tôdas as indagações que fizemos para descobrir gazetas portuguezas anteriores a 1640 não as pudemos encontrar. E' verdade que antes dessa época apparecem relações volantes dos acontecimentos públicos, nacionais ou estranhos; mas tais relações nem eram periódicas, nem tinham em si a disposição de uma gazeta. Um acontecimento notável, principalmente de guerra, dava matéria a estas publicações, de que difficilmente apparecerá hoje uma collecção completa, por serem rarissimas muitas delas. As relações dos naufrágios, que se reimprimaram no século XVIII, numa collecção intitulada *História Trágico-Maritima*, eram desta especie de publicações, de que se poderia tecer um largo catálogo.

A gazeta mais antiga que vimos foi uma do mês de Novembro de 1641. Existe esta com outras subsequentes na biblioteca pública da côrte, metidas tôdas numa pasta, onde se conservam com a estimação que merecem. Esta *Gazeta* está marcada no alto da primeira página com o número 14, feito à mão, com tinta que mostra bastante antiguidade, e assim o estão as subsequentes com os números successivos, o que nos faz conjecturar que talvez as gazetas remontem ao ano de 1640, e que começassem logo depois da revolução, supondo que alguns meses se publicaram duas, como para o diante aconteceu.

Era preciso animar o povo depois daquela ousada tentativa, convinha narrar-lhe as vantagens alcançadas contra a Espanha, bem como as difficuldades em que se via envolvida aquela monarchia, e até exaggerá-las; e porventura o governo não achou meio nenhum mais azado a seus intentos, do que lançar mão das gazetas, invento que como vimos era já conhecido em outros países da Europa.

Eram, pois, estas publicações, mensais, e às vezes saiam duas por mês. O formato das primeiras gazetas era em quarto, e é de notar que assim continuaram até 1820. Cada uma

se compunha de seis páginas ou mais; o seu preço variava segundo o número delas, mas uma gazeta custava regularmente 6 réis.

Como já notamos, o objecto principal destas gazetas antigas era dar noticias da guerra com Castela; continham, além disso, as novidades occorridas nos países estrangeiros, as novas publicações literárias de vulto, os óbitos das pessoas notáveis e variedades curiosas, tudo narrado com tal concisão e simplicidade, que seria de imitar pelos periodistas modernos.

Quanto aos successos militares, vemos que já não é novo o costume dos periódicos, o exagerar as perdas alheias e encobrir as próprias; data esta usança em Portugal do ano do Senhor de 1640 ou 1641.

Desde este ano até 1644 uma alteração notável se foi fazendo na redacção das gazetas: as noticias da guerra com Espanha cessaram, ou porque as *relações* soltas e especiais de cada acontecimento as tornassem desnecessárias, ou porque o governo achasse por algum motivo particular que não era conveniente publicar tudo; o que é certo é que já em 1644 as gazetas continham quasi só noticias estrangeiras, e saíam de dois em dois meses.

Gazeta nenhuma vimos do século XVII, posterior a 1645, posto que talvez as houvesse: entretanto, do artigo de introdução ao 1.º número do *Mercurio*, publicado desde 1663 a 1667 pelo célebre portuense António de Sousa de Macedo se vê que nesse tempo nenhum periódico se publicava em Portugal, do que o erudito Macedo largamente se queixa naquelle introdução.

O *Mercurio*, redigido por um homem tão ágil, por um político tão consumado, como era o autor da *Lusitania Liberata*, teve grande voga; mas parece não escapou ao fado de todos os diários políticos. O P. Vieira o taxava de pouco verídico e, o que é mais, de impolítico e mal escrito.

Desde o ano de 1667 não vimos mais gazetas, senão em 1715; mas daqui avante elas continuaram até o nosso tempo. Publicavam-se semanalmente, a principio ao sábado, depois à quinta, depois à sexta-feira: para os fins do século passado, afluindo materiais que se pretendiam inserir neste papel, os supplementos começaram a sair em outros dias da semana, e a tal ponto cresceram, que os havia todos os dias.

Foi assim que se converteu successivamente a gazeta de Lisboa de mensal em semanal, e de semanal em diária.

D. TEREZA

Foste leviana, eu sei, foste carnal, reconheço-o com intima tristeza: Devias ser mais digna da grandeza, altiva, imaculada até final.

Mas, vaidosa o proclamo sem tibieza, redimiu-te, fazendo-te imortal, a concepção do sonho nacional — fulcro de toda a glória portuguesa!

Forjando a Independência do Condado, deste ao povo, num rasgo iluminado, a esperança do Reino que Deus quer,

a certeza da Pátria que nasceu, que germinou — Rainha! — e floresceu na tua alma fremente de Mulher!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.



ENERGIA INDÓMITA

Por Alfredo Fernandes.

AFONSO HENRIQUES, moço fidalgo, cavaleiro audaz e destemido, não fôra fadado para aceitar subalternidades. As suas qualidades guerreiras, a sua invulgar energia, a sua altiva nobreza não podiam aceitar o servilismo, viesse de quem quer que fosse. São mais elevadas as suas aspirações, voa por horizontes mais vastos o seu espirito irrequieto.

Em rasgo de indizível audácia, com arrôjo tocando a temeridade, desprezando os conselhos e as súplicas maternais, desdenhando das ameaças dos potentados às ordens de quem o forçavam a servir, levanta, heróico, a sua espada, arranca as algêmas que o acorrentavam ao parente coroadado de Castela, e proclama, altivo, a sua independência governativa.

Cria assim uma pátria nova, escrevendo, em letras de ouro, nos fastos da História mundial um nome que nunca mais se apagaria — *Portugal!*

Debalde se assestam contra o jôvem rei tôdas as forças de Castela. Em vão se procura destruir o novo reino. São inúteis as tentativas, resultam infructíferas tôdas as sugestões para que D. Afonso Henriques desista dos seus intentos e continue fidalgo submisso de sua majestade castelhana.

Proclamou em hora feliz a independência do condado de sua Mãe, elevando-o à categoria de reino: não haverá forças bastante potentes para obrigá-lo a retroceder.

A própria autora de seus dias, desiludida da possibilidade de dominá-lo pelo sentimentalismo, pelo carinho maternal, pelo amor extremo que lhe votava, resolve recorrer à violência, como tentativa extrema.

Tudo inútil. O filho responde-lhe com superior energia e não trepida em encerrar na torre do Castelo de Lanhoso a sua própria mãe, para que ela não embarace o progresso do seu reinado.

E assim caminha decidido, derrotando o inimigo em todos os campos e enobrecendo com feitos brilhantes a invencível Vimaranes, gloriosa capital do seu reino.

Mas já não são bastantes as muralhas de Guimarães para conter as suas ambições de reinar. A sua alma eleva-se em transportes de crescente supremacia, o seu espirito aventureiro anseia pelo alargamento das suas terras.

Depois de tornar inexpugnáveis as muralhas de Guimarães e assegurar a inviolabilidade do seu trono, ei-lo que se lança com toda a energia, com toda a decisão, lutando sem cessar, por essas terras além, dando a cada novo ataque maior amplitude de seus domínios. Não o detem a superioridade do número do inimigo com quem se defronta. Não o comove o sangue derramado pelos seus fiéis servidores, que nos campos de batalha são ceifados pelas armas hostis. São outros tantos heróis cuja valentia êle celebra e elogia e que mais estímulo dão à sua marcha de interminável conquista. Leva sempre mais longe o nome de Portugal; cada vez mais alarga o mando da sua Vimaranes. E só descansa quando a morte, nos seus inalteráveis desígnios, vem apagar a luz da sua existência. E ao morrer, D. Afonso Henriques, em prece fervorosa, como rei que soube cumprir os seus deveres e tornar invencível o seu reino, lega aos seus sucessores a nobre herança do sangue generoso dos heróis que haviam de fazer sempre grande, nobre e respeitado o seu querido Portugal.

GAZETA
DO MÊS DE
FEVEREIRO
de 1642.

Vilão de entre Douro, & minhõna primeiro Sabado deste mes, que dos estornos da Ponte da Barca fabula alguã tropas da nossa infantaria, & foram marchando no Reyno de Galiza, até chegar à Villa de Gerés, donde entraraõ sem ver quem lhes fizelle resistências fugio toda a gente do lugar, de modo que ficou despouoad, & os nobres, por que não tiveram em que empregar o seu valor, foram a fazer oração a hũa Igreja de N. Senhora dos Remedios, & por que a gente de entre Douro, & Minho costumava ir todos os annos em Romaria a dita sancta casa, tiráraõ do altar com muita reuerencia a imagem da Senhora, & com ella se recolheraõ, sem trazer nenhuma prela, nem fazer dano ao lugar. Foy successo este muy festejado naquellas partes, porque eltaõ todos delicolidados de não poderẽ agora fazer esta Romaria: & com isto se alegraraõ mais, q' se os nobres outraõ ganhado alguã praça, ou alcançado alguã grande victoria.

Monfieur de Mahé Coronel de quatro regimentos de cavallaria, Senhor da Turcha, & Cavalleiro da Medalha, lãbio a feis do mes, cõ todos os seus officiaes a cavallo a dar nobreza.

FORMATO : 0,14 x 0,20 — Tem 12 páginas de composição

Gazeta, aquele que à luz da publicidade mais elementos informativos trouxe, e mais documentos apresentou, de comprovada análise e justificação, foi o Académico Alfredo da Cunha.

Em conferências, em entrevistas, numa comunicação feita na sessão da classe de letras da Academia das Ciências, em 10 de Abril de 1930 e há pouco ainda num extenso artigo publicado na revista *Olisipo*, provou este ilustre Académico, incontestavelmente, que o primeiro periódico português foi a *Gazeta*, apparecida em Novembro de 1641.

Firmou-se, é claro, em Bom e erudito Mestre, no Historiador Alexandre Herculano.

Se jornais houve antes daquela data, por informações escritas de alguns investigadores, Alexandre Herculano não o acreditou muito.

Quem os indicou? Quem os referiu?

Depois das consultas que fez, os documentos descobriram-lhe a verdade. E em sua opinião, a *Gazeta* tomou foros de primazia.

Os contraditores, porém, foram muitos, e o escritor Alfredo da Cunha teve de lutar sempre, e carrear elementos de controvérsia e conversão.

Arredou a discussão das *Relações* de Severim de Faria, que datam de 1626, porquanto provou que antes delas se haviam publicado algumas *relações de novas gerais*, e tais *relações*, dando conta de guerras, viagens, mortes, naufrágios, prodígios, aparições, etc., eram exclusivamente uma forma de fazer história e não de fazer jornalismo.

Vendeu-se a *Gazeta* ao preço de 10 réis, e alguns números a 4, 5, 6 e 8 réis.

Depois vieram o *Mercurio*

teram o assunto com mais ou menos acalorado interesse, e a matéria deu pasto a discussões, a pareceres e a juízos, até que a maioria se inclinou para o justo plano das conclusões evidentes.

Alfredo da Cunha cita todos os nomes dos que se embrenharam na contenda, e são dos mais consagrados, desde os antigos, de valor, aos modernos, de merecimento:

Herculano, Eduardo Coelho, Sousa Viterbo, Inocêncio, Brito Aranha, Teófilo Braga, Teixeira de Vasconcelos, Fonseca Benevides, Ribeiro Guimarães, Bento Carqueja e José Leite de Vasconcelos.

Como se vê, os apaixonados degladiadores foram bastantes e dos melhores.

Triunfou a *Gazeta*, cuja comemoração do seu tricentenário se projecta brilhante e entusiástica em Lisboa, entre o jornalismo nacional.

A importante biblioteca da Sociedade de Martins Sarmiento possui um só e interessante exemplar desta raridade da imprensa periódica, cuja reprodução damos a seguir. E' do 2.º ano da sua publicação, 1642.

Transcrevamos, por ser curioso e oportuno, o que sobre o assunto nos diz Alexandre Herculano, no tomo II do *Panorama* (Janeiro de 1838), páginas 101.

E' um artigo base, donde dimanaram tôdas as discussões, pois ali se faz a história desenvolvida da origem das *Gazetas* em Portugal.

O artigo não vem assinado, mas é attribuído a Herculano por Inocêncio.

Vejamos a clareza e a elucidação do artigo:

«Tendo falado das gazetas entre os romanos, e da sua origem entre as nações moder-



Rainha D. Tereza

NONADA

Por Cláudio Basto.

NA est. undécima do canto VIII d-os Lusíadas:

— Este é o primeiro Afonso (disse o Gama),
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

os últimos versos não são bem claros.

Parece-me que a melhor maneira de os interpretar será assim:

Este é o zeloso (da causa de Deus), amado de Deus, com cujo braço (isto é: com o braço ou ajuda do qual, Deus), (êle, Afonso) vence os Infiéis, (e) para quem (referido a Deus: para o qual, quer dizer, para a glória do qual), (êle, Afonso) arrasa os muros do Reino mourosco (os muros das suas povoações), nada deixando já (no território de Portugal) para os futuros (conquistadores portugueses).

O verso Nada deixando já para os futuros repete a ideia do segundo: Que todo Portugal aos Mouros toma. Afonso I, o zeloso servidor de Deus, estende a fé cristã a todo Portugal (Portugal, em oposição a Algarve, note-se).

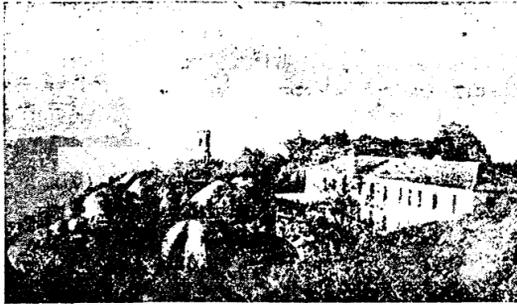
A continuação do poema confirma dever ser «Afonso Henriques» o sujeito de *doma, abaixa, e deixando*:

«Se César, se Alexandre Rei, tiveram
Tam pequeno poder, tam pouca gente,
Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam,
Com glórias imortais tam largamente;

VIII, 12.

Este excelente que, com tam poucos guerreiros, desbarata tantos inimigos, não pode deixar de ser aquele que os *doma* e *lhes abaixa* os muros das povoações, *nada* (por conquistar) *deixando já para os futuros*, porque *todo Portugal aos Mouros toma*. Como se mostra zeloso da causa de Deus, é amado e ajudado por Deus. Deus *ajuda-o no trabalho* de dilatar a fé cristã.

Pôrto, Maio de 1940.



PENHA -- Um aspecto da encantadora Montanha

Deus--Pátria

(Conclusão da página 7)

mina, a doçura do clima — mas não poderão nunca associar conscientemente a essa obra de vergonha e de lesa-patriotismo o bom português, que não leva da sua aldeia e do seu lar doméstico outros sentimentos que não sejam a crença, o temor do seu Deus, a saúde da família, a bondade do seu ânimo e finalmente o amor à sua terra e ao seu país. Com a força e pureza destes sentimentos e com a espada unida à cruz puderam os nossos maiores fazer de um punhado de terra uma nação que avassalou mares e continentes e legar aos seus vindouros uma herança de prodígios de valor e de feitos heróicos e gloriosos que são ainda hoje a honra do povo português e o grande braço do orgulho nacional.

Gravem-se, pois, em todos os corações e escrevam-se em em tôdas as escolas estes exemplos do passado para que nos sirvam de guia e incitamento no presente e no futuro; e com a união outra vez da cruz e da espada, sem preconceitos de partidos e sem ambições de predomínios, procuremos restituir a este país as grandes virtudes cívicas e cristãs — a fé, a abnegação, o valor, a probidade e a honra — que foram sempre o símbolo santo da bandeira das quinas, e que são ainda hoje o remédio mais eficaz, senão o único e indispensável para a nossa regeneração económica, moral e política.

Todos os factos importantes da nossa história devem, pois, estar sempre na mente de todos e em especial dos novos para que conservem bem fundas e radicadas no espírito a ideia da nacionalidade e da Pátria, procurando sempre fazer mais e melhor que os antepassados.

Neste belo torrão de Portugal, que inspirou tantos heróis, deve haver um só espírito, um só amor — o espírito da crença viva e o excelso amor da Pátria.

Simbolizai estas duas palavras sacrossantas que um bom português nunca deve esquecer — Deus e Pátria.

OUTRA AIA:

Calai, Menino! calai-vos,
Que a Mãisinha é vossa amiga...
— Nem mesmo os Anjos do céu
Cantavam melhor cantiga.

OUTRO PAGEM:

Calai, Menino! calai-vos.
Diz uma Fada que eu sei:
— Quem não chora em pequenino,
Sendo Conde, vai a Rei! —

CÔRO:

Calai, Menino! calai-vos.
— Debaixo dessa janela,
Andam moiras, que são Bruxas,
Ronda o Papão de Castela...

O BÔBO:

Fui Senhor, e sirvo uns anos:
Fui Gigante, e sou anão...
Meu Encanto está nas Ondas:
Ou o quebrarei, ou não!

Já não chora o Menino. O morcêgo foge. A Infanta beija o filho, aconchegando-o no berço. Faz um gesto de silêncio. Calam-se os cantos e a música. E a infanta sai, com o bando primaveril bailando sempre à sua roda, no bico dos pés alados e leves como borboletas, — parecendo uma ronda de Amores a envolver a estátua viva da Beleza e da Desgraça...

Grave e breve instante de solidão, silêncio e ansiedade. Sente-se que não tardará a alvorecer. Cantou já a primeira cotovia. Desmaiam as estrelas. Na orla extrema do oriente, o céu ilumina-se: como à beira de um grande rio, que não se vê ainda, começam as árvores a ser mais verdes. Vem, pelo balcão, uma baforada viva, quasi fumegante como incenso, cheirando a flores e a terra húmida de orvalho. Balbuciente rumor sacode as folhagens. A lâmpada estremece nas derradeiras chamas.

Então, surge uma Aparição maravilhosa: Como entrou? De onde veio? Da lâmpada? Do canto da cotovia? Do perfume da terra? Do amanhecer longínquo? Das gazes palpitantes do berço encantado?

E' uma figura de Mulher, resplandecente de formosura e de graça. Mõça? Velha? E' certo que tem a frescura das rosas em manhã de abril; mas adivinha-se que a sua alma seja a irmã gémea das primeiras raízes da terra! Os seus olhos são claros como as águas novas das prêsas novas; mas são água onde se reflete o brilho dos astros que viram a obra divina da Criação. A Virgem-Mãe devia ser assim, — quando no seu ventre trazia Jesus, que já no principio era o Verbo...

E' a Sombra eterna da nossa Raça que vem e vai para tôdas as Idades! é a encarnação mística da Pátria: o Anjo do Destino, guia do Povo e seu amparo. E' a Saúde lustrada: E' a Esperança Portuguesa. Vem embalar aquele berço, — que é o berço de Portugal, — como inspirara o do pastor Viriato, quando Portugal ainda não era, mas já o mesmo Povo, nosso Padre, vivia nestas sagradas montanhas. Mais tarde, também visitará o berço de Nun'Alvares. Talvez, nesta Hora Incerta, — cheia de angústia e perigos como nenhuma outra, — ela bafeje misteriosamente (Deus sabe aonde!) o berço do Herói e Santo predestinado para nos remir e salvar... E digam todos: Amen!

Para o berço se encaminha a divina Aparição. Ao pé dêle ajoelha, murmurando, como a falar consigo própria: profunda voz onde marulham os Tempos que foram, os que são e hão-de ser...

A SOMBRA DA PÁTRIA:

Dorme, filho! enquanto eu velo...
— Esperando horas tamanhas,
Que eternidade, em vigília,
Ao cimo destas montanhas:

Como a larva, em seu casulo,
(Mistério de sombra e dôr)
Espera ser borboleta:
— Hoje? amanhã? — Quando fôr!

Auto do Berço

(Conclusão de página n.º 7)

A Vida tem primaveras
Para tudo quanto cria;
A das rosas, é em maio;
A das Pátrias... Deus sabia!

Só Deus sabe quantos séculos,
(Bravo chão, Destino amigo!)
Custou à grama, entre as hervas,
A perfeição de ser Trigo.

E o trigo, até que foi Hóstia,
As voltas que Deus lhe deu...
— Ora, a seara era o Povo:
Hóstia de Pátria, sou eu!

Hóstia eu sou. Lusas montanhas,
Alto Sacário onde vim...
— Filho! acorda: em face ao mundo,
Ergue-me aos Tempos sem fim.

A RUMOROSA VOZ DAS ÁRVORES:

As Pátrias, são um mistério
Em raiz, em tronco, em flor:
Milagre da Terra viva
No braço do lavrador.

A VOZ DA TERRA-MÃE:

A' Pátria servem de arado
Lanças de Herói; mas, primeiro,
Era o Chão, era a Semente,
Raça de eterno raizeiro...

A SOMBRA DA PÁTRIA:

Dorme, filho! A linda Infanta,
Tua mãe, nem adivinha...
Dela és filho, em carne e sangue;
Mas a tua Alma é só minha!

Tua mãe, trouxe-te ao seio
Nove meses... Eu, supponho
Que sou mais: gerei-te, em séculos,
na minha Dôr, no meu Sonho.

Acalentando o ter berço,
— O teu berço é Portugal, —
A mim própria é que me embalo:
Pátria que eu sou, afinal!

A VOZ DUM CAMINHEIRO:

Lusitânia, a Rôla brava,
De novo faz o seu ninho;
Seguro vai, de tão alto,
Inda que mais pequeninho...

Missa-Nova em velho Altar,
Portugal a diz ao Mundo;
Serra em Hóstia: falta o Cális...
— Onde está? — No mar profundo!

O ECO DAS VOZES MORTAS:

Serra em Hóstia... Amargo Cális...
Que vai ser o Mar profundo!

A SOMBRA DA PÁTRIA:

As mãis, embalando o filho,
(Noites de Aurora a nascer)
Adormentam quanto foram,
Acordando o que hão-de ser.

Em ti serei... Eu te vejo,
— Meu Sam Jorge! filho amado! —
Vencer dum lado a Moirama,
Vencer Leão d'outro lado.

Corpo de bronze, em alôr
De água mōça, (Arcanjo e Fera)
Passas montanhas e rios...
— Falta o Mar? — O Mar, espera!

E diz Jesus às Cruzadas:
— «Vinde ao Tejo, ao meu Sinal:
Se em Judeia é meu sepulcro,
Tenho um berço em Portugal...» —

Portugal! — E ao sol levantas
Alta Bandeira, onde tragas,
Da terra, nobres Castelos;
D, do céu, divinas Chagas.

E, na Romagem dos Astros,
Viçoso andor sempre novo,
Eu me vejo, o céu em pálio,
Levado aos ombros do Povo.

Eu me vejo, — o pé nas ondas,
As fôlhas sôbre a montanha, —
Ser a rosa, a mais perfeita,
Do ramallete da Espanha!

Tu me vejo, em Graça e Glória,
Talvez em Dôr, algum dia...
— Mas Jesus também sofreu,
Chorou a Virgem Maria!

Se a Noite voltar de novo,
Senhor! farei como agora:
Farei da Noite outro berço
A acalantar outra Aurora...

Serra em ondas, Mar em ondas,
Embalai o vosso Rei...
Dorme, filho! Eu sou Aquela
Que para sempre serei.

Fui o Sonho, modelando
Os sonhos do Tempo informe...
— «Filho, acorda!» — Diz a Esp'rança;
E a Saudade: — «Dorme! dorme!» —

Calou-se a aparição, mas continua o entoar do berço. A Torre vibra ao ritmo do seu baloço. A penumbra é cada vez mais leve, irisada de oiro e rosa.

Fora, rente ao Castelo, começa a ouvir-se tropido de passos. São as companhas do Povo, que vão para o amanho da terra, aos ombros a sofredora Enxada que fez a nossa Pátria, tanto como a Lança dos guerreiros. Irão cantando, em melopeia triste, logo repassada de alvorôço e triunfo: como feita da Noite que se esvai e da manhã que desponta.

A VOZ DUM CAVADOR:

Jogada, à sorte das lanças,
Entre a Moirama e Castela,
A dura terra cavamos...
Ai tristes de nós! ai dela!

OUTRA VOZ:

Atei a vinha: E não sei
Se o vinho que ela há-de dar
Vai à mesa d'El-Rei moiro,
Ou de Cristo, ao nosso Altar.

CÔRO:

Doce chão da Pátria antiga,
Nossa terra que és dos mais!
— Quem a deixara a seus filhos,
Tendo-a herdado de seus pais...

A VOZ DUM CAVADOR:

Cavai a terra: Enfeitai-a
De nobres pompas... — Sonhei
Que Portugal vai ser livre:
Menino Conde o seu Rei.

OUTRA VOZ:

Cavai a terra: Exaltai-a
Na verde palma dos milhos...
— O Nome de Portugueses,
Há-de ser dos nossos filhos!

CÔRO:

Pátria e Rei... — Quando vierem,
Seja a terra em pão e flor:
Como o lar, na Páscoa santa,
Quando o visita o Senhor.

Ao bafo da aragem e ao rubro esplendor da alvorada, as sombras fogem, ao nascente, como exército em derrota.

A VOZ DUM CAVADOR:

Olha o céu, em fogo e sangue...
Glória a Deus! — Talvez na altura,
Seja a aurora um Portugal,
Batalhando a noite escura.

CÔRO:

Andam os Nossos na guerra:
— Foi Portugal que venceu!
Sangue de Heróis sobe em névoas,
Trasborda em luz... Arde o céu!

Na Torre, continua a ouvir-se o compassado arrolar do berço: — E há um momento em que a doce cadência se avoluma, retumba e ecoa, como pancadas de trovão na cristalina abóbada do céu... Depois, rápido e extático silêncio em que toda a vida exterior parece suspensa.

A VOZ DUM CAVADOR:

Que rumor seria aquele
Na Torre, tão alto e fundo?
— Talvez embalo de berço:
Se um berço embalasse o mundo...

OUTRA VOZ:

Foi o coração da Terra?
Foram passos de Jesus?
— Trup! Trup... — O chão tremia...
E o som desfez-se na luz.

CÔRO

Nem o mar, batendo em ondas
Praias de bronze! E afinal...

(A Visão, o Menino ao côlo, assoma ao balcão da Torre, numa grande auréola de milagre.)

— Era a Virgem, embalando
O berço de Portugal!

Verdadeiramente amanece. O sol, por detrás de um pináculo mais vivo, escurtelado nas penhas em ameia, parece um enorme escudo de oiro onde campeiam, em sombra de granito, os castelos das Armas Portuguesas.

Rompem do vale, em galopada e tropel, os Cavaleiros lusíadas que voltam da batalha: pendões soltos à aragem, longas tubas de prata clamando a Vitória.

As cotovias sobem mais alto, para cantarem de mais alto. Há em toda a Natureza o esplendor duma apoteose: Os orvalhos são lágrimas de ternura; a luz, um aberto, glorioso riso de contentamento heróico.

Então, do campanário do Mosteiro, lentamente, — Rosário da Esperança de onde tombam as primeiras contas, — lentamente se esfolham as nove badaladas da Anunciação...

O EX-LIBRIS NACIONAL

Por Manuel Monteiro.

NUNCA descendi da *Atouguia* para o *Proposto* — último troço da estrada que de Braga leva a Guimarães — sem sentir uma viva emoção ao avistar, ao fundo e ao alto, o crenelado recorte do Castelo encastado na verdadeira panorâmica.

Emoção ao mesmo tempo histórica e estética. Esta é suscitada pela aristocrática graça de vinheta heráldica do vetusto monumento, amoravelmente patinado dos séculos, e que parece ter sido apenas feita para o deleite dos olhos surpresos com a visão; aquela pela imediata evocação da primeira página épica da nossa História. E que evocação!

Ao espírito logo acode, com efeito, que junto dos muros robustos dessa fortaleza de tom grisalho, valorizando o quadro esmeraldino da paisagem, se desenrolou, no dia do Precursor de 1128, o famoso prélio cujo êxito vincou o início da independência duma nacionalidade em germen.

A ronda evocativa mais nos relembra que êsse êxito foi, em grande parte, devido ao valor combativo e à varonil solidariedade para com o jovem Afonso Henriques dos *bonos homines* do burgo formado à volta do mosteiro que Mumadona erguera na *Villa Vimaranes* e ao qual o Conde Henrique de Borgonha dera foral. Mais nos recorda, enfim, que êsse esforço e essa dedicação dos vimaranenses, duma importância decisiva no heróico empreendimento encetado, foram reconhecidos pelo audacioso Príncipe na confirmação e ampliação dos privilégios forais concedidos por seu Pai: «*proinde quod vos fecistis honorem et cabum super me et fecistis mihi servicium bonum et fidele*», constituindo tal reconhecimento para o burgo condal um título de nobre primazia sobre tôdas as outras terras de Portugal.

Eis porque, ao descer da *Atouguia* para o *Proposto*, sempre senti uma forte emoção, avistando ao alto enquadrada pela vegetação a denteada massa do Castelo — verdadeiro *Ex-Libris* da Nação.

Maio - 1940.

Guimarães em Côrtes no antigo regime

Por A. Mesquita de Figueiredo.

CÔRTEs de Lisboa — Ano 1427 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 13 da *Chancelaria de D. Afonso V*, fl. 113.
Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 133 v.º.

Côrtes de Évora — Ano 1436 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 1 da *Chancelaria de D. Duarte*, fl. 218 v.º.

Côrtes de Évora — Ano 1442 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 23 da *Chancelaria de D. Afonso V*, fl. 54 v.º.

Côrtes de Lisboa — Ano 1445 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 5 da *Chancelaria de D. Afonso V*, fl. 53 v.º.

Côrtes de Lisboa — Ano 1456 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 129.

Côrtes de Lisboa — Ano 1459 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 3 de *Além-Douro*, fl. 22.

Côrtes de Évora — Ano 1460 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 109.

Côrtes de Santarém — Ano 1468 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 3 de *Além-Douro*, fl. 3.

Capítulos especiais de Guimarães, não datados, que se presume pertencerem ao Reinado de Dom Afonso V, por estarem transcritos na Chancelaria deste Rei:

Livro 2 da *Chancelaria de D. Afonso V*, fl. 1.

Livro 2 de *Além-Douro*, fl. 37.

Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 217 v.º.

Côrtes de Santarém — Ano

1483 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 241.
Capítulos especiais de Guimarães, simplesmente datados: Ano de 1483 — Livro 4 de *Além-Douro*, fl. 24.

Ano de 1491 — Livro 3 de *Além-Douro*, fl. 85.

Côrtes de Lisboa — Ano 1498 — Capítulos especiais de Guimarães:

Livro 1 de *Além-Douro*, fl. 8 v.º.

Côrtes de Lisboa — Ano 1641 — Capítulos especiais de Guimarães:

Maço 10 de *Côrtes*, Documento n.º 3.

Se no dia em que presido à leitura pública no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, um leitor me viesse consultar sobre este assunto, era esta a resposta que eu dava, servindo-me do trabalho que organizei, no exercício das minhas funções de Conservador:

«**Côrtes:** Cópias tiradas da coleção de capítulos de *Côrtes* e respectivo *Aditamento*, das *Chancelarias Reais*, dos *Livros de Leitura Nova*, de *Lets Antigas*, das *Gavetas*, *Corpo Cronológico*, *Foraes antigos* e das *Confirmações*, etc. **Índice dos 16 volumes.**»

Estas cópias do começo do século XIX, foram naturalmente feitas, com o intuito de publicidade, por parte de alguma das Comissões, que em tempos se constituíram com o fim de publicar um *Côrpo* o mais completo possível dos Capítulos gerais e especiais das Côrtes do Reino, anteriores ao advento do Constitucionalismo. Cfr. Gama Barros, *História da Administração Pública*, volume I, p. 575, nota (!).

Não são paleograficamente obra perfeita, algumas estão emendadas, outras não, mas,

Guimarães, terra heróica

Por António Alvaro Dória.

POR um dos acasos da História voltamos, em nossos dias, a viver tempos heróicos. Passado o filosofismo do século XVIII, o vendaval revolucionário parecia ter posto fim à concepção heróica da vida pelo aburgueamento das grandes virtudes ancestrais. Mas essa mesma quietação, quintessenciada em «*la douceur de vivre*», trazia em si os germes do reviver dessa concepção heróica, ainda a grande virtude que faz a vida digna de viver-se.

Passaram os anos, e ao clarão sangrento dos incêndios ateados pela primeira Grande Guerra viu-se que tal virtude não se extinguiu, antes adormecera no coração dos homens embalados pela necessidade de paz, bem precária paz que era apenas aparente visto que a guerra se instalara definitivamente nos espíritos. E desde então, o homem que vive neste dobrar duma nova esquina da história, mortos definitivamente muitos dos ideais que embalaram a sua juventude, perdida a crença noutros apregoados como panaceias, morta a esperança no famoso progresso indefinido, espécie de pedra filosofal dos pensadores modernos, êle volta-se de novo para a concepção heróica da vida, que tantos julgavam sepultada com o último cavaleiro.

Guimarães, de onde irradiou o movimento libertador de Portugal no século XII, é a terra heróica por excelência. Sombreada pelo monte da Penha, foi a dentro das suas muralhas, hoje desaparecidas, que nasceu e tomou vulto a primeira arrancada heróica dos portugueses ávidos de independência. No decorrer dos séculos, enquanto passavam ideias e outras surgiam, enquanto se faziam e desfaziam conluíus, a velha cidade, deitada aos pés do castelo de Mumadona, soube sempre manter galhardamente os seus créditos de terra heróica por excelência o que a torna digna de guardar uma das relíquias dessa outra jornada heróica de Aljubarrota — o altar de prata do Rei de Castela.

Passaram as idades; sucederam-se as guerras; o sópro crestador da nova idade de transição que vivemos não parecia ter queimado a gloriosa cidade adormecida à sombra da Penha altaneira. Mas por tôda a terra portuguesa reboava um toque vibrante de clarins, a que me parecem corresponder as trombetas gloriosas de Aljubarrota ou as charamelas estridentes da apoteose a D. João de Castro: é a Pátria que festeja os seus 800 anos de independência; é o velho espírito heróico de Portugal que ressurgiu. E o toque vibrante que fará erguer os portugueses de todo o Império é soltado em Guimarães, junto dos muros seculares do seu castelo, agora entregue à guarda perpétua do nosso primeiro Rei.

Passam sombras heróicas ante os meus olhos e eu vejo, nitidamente *vejo* desfilarem pelas ruas do burgo vimaranense os fantasmas cheios de cicatrizes dos paladinos que combateram Castela e Leão e dos que batalharam na Índia e no Brasil. Passam os descobridores, empunhando a bandeira das Quinas com que ocuparam novos mundos desconhecidos, ou o astrolábio e a balestilha, pobres instrumentos que os ajudaram a abrir o caminho do ignoto. Um sópro heróico anima a velha cidade e não é do clamor de vivas ou de ovações dos portugueses de hoje que as suas ruas se enchem; é, sim, do tilintar das espadas dos combatentes de Seuta, de Cochim, de Diu e da África, dos brados heróicos dos conjurados de 1640, do tropear dos cavalos das hostes de D. Sancho Manuel, dos bisonhos soldados com que Wellington venceu no Buçaco. E Guimarães anima-se, vibra, estruge de rumor; passam bandeiras, balsões batidos pelo sol das batalhas, rasgados pelas lanças ou pelas balas, feridos gloriosamente em pugnas gloriosas. É Portugal que passa, Portugal português de outrora e de sempre, Portugal dominador e civilizador, Portugal invencível, Portugal heróico, Portugal eterno! É Portugal que, retomando a velha armadura sobre que alguns escarraram e outros arrastaram pela lama, ergue a espada gloriosa dos tempos heróicos para saúdar, de igual para igual, Guimarães terra heróica.

são um auxiliar poderoso para aqueles que queiram estudar o assunto, sem possuir grandes conhecimentos ou prática paleográfica.

É escusado estar a encarecer o extraordinário valor dos *Capítulos de Côrtes*, quer para a História Geral, quer para a História Local: o seu estudo, porém, pertence aos historiadores e aos eruditos, para quem os Bibliotecários e os Arquivistas, tem exclusiva obrigação de prepararem e organizarem os materiais de estudo, e não de fazer estudos pessoais, ocupando neles o tempo destinado às suas obrigações profissionais. Aqueles que assim fazem, excluo é cla-

SINAL DA RAÇA

Por M. Alves de Oliveira.

PORTUGAL iniciou a sua vida de Nação livre à sombra daquelas duas verdades eternas, o *Catolicismo* e a *Realeza* que Balzac proclamou, séculos depois, no pórtico de *La Comédia Humana*.

A sombra da Cruz, símbolo do catolicismo, se acolheu a hoste aguerrida que nos Campos de S. Mamede levantou o grito de Independência, pondo termo à nefasta influência do Conde de Trava. A sombra da Realeza representada pelo jovem Afonso Henriques, se reuniu aquêle punhado de bravos que acompanhou o moço-Rei na hora incerta de S. Mamede e foi, depois, à conquista por terras da moirama.

As quatro onças de ouro constituem o preito filial de D. Afonso Henriques à Santa Sé, em troca da protecção política tão necessária à consolidação da independência de Portugal. E se é certo que, sob a influência de um século negativista, historiadores houve que procuraram apoucar na figura do Rei Conquistador a virtude sempre resplandecente da Realeza, a verdade é que tal virtude triunfou sempre através das páginas gloriosas da nossa gloriosa História.

Mais tarde, nos Campos de Aljubarrota, à volta do Mestre de Avis, a *ala dos namorados* lutando aguerridamente para vencer um inimigo superior em homens e em material, abraça-se à protecção das duas verdades eternas a que já nos referimos, e consegue o milagre que a Batalha representa no rendilhado das suas tôrres, das suas arcarias, dos seus claustros.

A inclita geração, no sacrificio resgatador do Infante Santo, ou no sonho grandioso do Infante de Sagres, é ainda uma afirmação dessas duas verdades.

Na epopeia da Índia, na travessia do Mar Tenebroso, na descoberta e na conquista das praças de África e das terras de Santa Cruz as mesmas ver-

dades resplandecem como sinal inapagável da Raça.

Depois, no cativo, o milagre opera-se quer nas lendas do Encoberto, quer nas profecias do Bandarra, quer na acção do Clero, a preparar as almas para a arrancada duvidosa, mas esperançosa ao mesmo tempo, que se preparava.

Como em Ourique, onde aparece o crucificado, como em Aljubarrota, no sonho e arrebatamento místico do Condestável, o milagre e a protecção de Deus manifesta-se no Cristo que desprega uma das mãos da Cruz em sinal de libertação próxima. E a Realeza surge nessa figura caluniada do Duque de Bragança, homem prudente mas patriota dedicado que tudo sacrifica, na hora própria, à Restauração de Portugal.

Agora são oito séculos de vida livre que se comemoram na terra em que primeiro se desfilou a bandeira da Cruz, símbolo do nosso sacrificio nobilitante, na dilatação da Fé e do Império.

E quando essa bandeira voltar a tremular nos muros do nosso Castelo — Sinal da Raça que vem do passado a projectar-se no futuro de Portugal — não se pode esquecer que estes oito séculos que se comemoram representam o triunfo e a virtude das duas verdades eternas que já enunciámos.

Como afirmou um dia António Sardinha — Mestre que a nossa saúde sempre recorda com carinho e com justiça — «*acentuemo-lo bem na hora que passa, para que as inteligências bem dotadas se compenetrem da actualidade da nossa aspiração e da sua plena concordância com as correntes mais notáveis do pensamento moderno*».

São oito séculos de História que vêm em nosso auxílio, ao iniciarem-se, com o esplendor que as circunstâncias da guerra permitem — as festas do Ano Aureo, as comemorações da Independência e da Restauração de Portugal.

**Guimarães, grito da Raça,
Nobre Terra sem igual,
À tua História se abraça
O altivo Portugal!**

J. Gualberto de Freitas,



D. António Bento Martins Júnior, Arcebispo de Braga que celebrará a missa campal junto ao Castelo.

Lisboa, São Sebastião da Pedreira, 7 de Abril de 1940: Ano Aureo.

O POVO PORTUGUÊS E O NOSSO IMPÉRIO

Por João Antunes Guimarães

NO dia 24 de Junho de 1128, quando a Independência coroava os esforços perseverantes e milenários dos precursors da nacionalidade, o território de Portugal abrangia área bastante reduzida e era escassa a sua população.

Abrengia terras de Entre Minho e Tejo, pouco passando de meio milhão o número dos seus habitantes, os quais se mostravam mais densos no Entre Douro e Minho, porque a acção sarracena fôra ali menos intensa, e por outras razões que o reduzido espaço dêste escrito não permitirá desenvolver.

Tão notória disparidade, que ainda hoje se mostra flagrante, não se verificara em todos os tempos: Júlio Pocense refere que o censo de Augusto achara na Lusitânia (de área equivalente à do nosso Portugal metropolitano, e em que se compreendia a aludida zona ao Norte do Tejo) cerca de 5 milhões de pais de família, a que correspondia população à volta de vinte milhões, cuja média elevadíssima, superior a 200 habitantes por quilómetro quadrado, só encontra equivalência, na actualidade, em número muito reduzido de países com grande expoente demográfico, dos quais citarei a Bélgica. E digo que a referida disparidade se mantém, porque nos 88.682 quilómetros quadrados do poente continental da nossa metrópole, vivem aproximadamente sete milhões de habitantes, do que resulta a média geral, por quilómetro quadrado, apenas de 78 habitantes.

Como nos distanciamos, no aspecto demográfico, da vé-lha Lusitânia! E' que, exceptuando o Algarve, anda à volta de 30 a média verificada nos distritos ao Sul do Tejo e noutros da região montanhosa e dos planaltos fronteiriços.

Contudo, no noroeste português, registam-se médias que se aproximam e até excedem a cota de 200 revelada pelo censo da Lusitânia ordenado por Augusto: citarei os distritos do Porto, Braga e parte dos de Viana e Aveiro.

Aludi, como razão de menor densidade populacional, ao Sul do Rio Douro, quando a independência nos bafejara, à maior incidência sarracena sobre aquela região. Contudo, o noroeste português, correspondente ao núcleo mais importante da cultura castreja, fôra assolado muitas vezes por hordas invasoras, que chegavam ao extremo de ermarem os castros, onde, ou no cimo dos montes, ou ao longo da costa, os antiqússimos habitantes, nossos venerandos predecessores, procuravam refúgio e conseguiam, com denôdo tantas vezes demonstrado, defender a sua Terra, que agora é nossa, a sua cultura que assim pôde chegar à época em que vivemos, sem que lhe falecesse continuidade, e a raça de seus avoengos e a que nos prezamos de pertencer, e que lêes souberam proteger contra abastardamentos vindos de mestiçagens desequilibradas e nocivas.

Do seu contacto com o mar nascera a oceanicidade que os caracterizou e ainda hoje nos marca; da contemplação de horizontes dilatados que seus elevados castros dominavam, veio-lhes a ânsia de espaço.

Outros povos viveram junto do mar, ou no alto dos montes; mas somente nós, os descendentes dos que habitaram a zona onde medrara a cultura castreja, é que soubemos e conseguimos realizar a epopeia dos descobrimentos, depois de, na Reconquista, levarmos grande dianteira sobre os restantes paladinos da cruzada ibérica contra os mouros; e tanto assim que, em meados do século 13.º, consumada estava já, com a anexação do Algarve, a nossa missão na Reconquista europeia. E logo nos preparávamos para levar a civilização que herdáramos e a fé que nos fôra incutida por nossos antepassados, aos povos do Norte Africano.

A Espanha teve de esperar ainda dois séculos e meio, até que Fernando e Isabel conseguissem expulsar de Granada os descendentes dos antigos invasores.

Fenícios, Gregos e os célebres Vikings da Escandinávia realizaram proezas marítimas que a história regista; mas no traçado das grandes rotas marítimas e no descobrimento e domínio dos novos mundos é sempre o nome português que brilha, mesmo quando ao serviço doutras bandeiras.

Pois tão grandes merecimentos e virtudes que muito ilustraram os nossos antepassados, mantem-se com modificações insignificantes, por assim dizer intactas, tanto no seu aspecto somático, como nas manifestações psíquicas. Assim, os antigos dolicocefalos, empreendedores, de longa iniciativa e dotados de espírito de aventura, teem nos portugueses os seus autênticos representantes, porque, com seu índice cefálico de 77, nenhum outro povo europeu manifesta mais acentuada dolicocefalia. Citarei, como contraste, os gregos, descendentes de arianos, que, nos tempos da grande Grécia, apresentavam o índice de 76 e eram altos; agora subiram para 80, a transitarem da dóli para a braquicefalia, e passaram a ser de pequena estatura.

Estudos muito recentes sobre o sangue dos diferentes povos, demonstram que a fórmula correspondente aos portugueses é das mais equilibradas, e talvez a menos influenciada por mestiçagens nocivas, sobretudo as provenientes de certos elementos orientais agora muito em discussão.

Estes e outros factores de ordem somática, conjugados com as nossas faculdades de trabalho e de comprovada adaptação, sem perda do vélo e apreciável instinto da raça, a todos os climas das terras por nós descobertas; a nossa comprovada integração nos meios para onde emigramos, sem feito para constituir bôlsas geradoras de minorias; em suma, as características e virtudes reveladas por valiosas investigações pre-históricas, como as de Martins Sarmiento, completadas pela aplicação de novos métodos científicos, demonstram que o povo português, pela sua indiscutível fecundidade, pela referida adaptabilidade perante a enorme gama de climas e doutros factores dos vastíssimos territórios descobertos e colonizados por nossos avoengos; pela sua homogeneidade; e pela constância, através dos séculos, de tão preclaras qualidades: demonstram tôdas estas razões, vinha eu dizendo, que o povo português continua à altura do maior empreendimento de tôdas as idades, tenazmente preparado durante milênios por nossos valerosos precursors, realizado com bravura, tenacidade e patriotismo, na Reconquista, descobrimentos e colonização, e do qual, agora, todos os portugueses nos esforçamos por ser condignos continuadores, colaborando na consolidação e engrandecimento do nosso Império.

A Fundação

(1140)

Travara-se a batalha em S. Mamede. Artantes Correm a D. Afonso os seus maior's guerreiros Sujos de terra e sangue, enormes, triunfantes, Seguidos pela chusma heróica de besteiros.

Mendes da Maia tem nos olhos coruscantes O fogo da vitória. Abraça os companheiros D. Paio, Egas Moniz, centenas de gigantes No Almocadem que guia a hoste dos fundeiros.

O Infante de pé e junto à sua tenda De guerra, a todos, calma, agora, recomenda, Apoando em seu peito a espada colossal.

O Babilónio brada à turba ensanguentada: — Rial! Rial! Rial! E a turba entusiasmada: — Por D. Afonso Rei do nosso Portugal!

A Restauração

(1640)

E' D. Miguel d'Almeida em doida correria A gritar Liberdade ao povo escravizado! E' D. Jorge de Melo, audaz de valentia, A domar e vencer um forte bem armado!

E' essa altiva Mãe, Condessa d'Alouguia, Fazer de cada filho um rígido soldado Para expulsar da Pátria a fera tirania, Tornar a dar à Pátria o seu braço honrado!

E' D. António Telo, o nobre, o temerário, Matar um vil traidor oculto num armário E lançá-lo, depois, pela janela fora!...

E' ver o povo heróico, ardente e sem tardança, Dar vivas a seu Rei, ao Duque de Bragança, E' Portugal inteiro à luz duma outra aurora!

Junho de 1940.

Delfim de Guimarães.



Condestável D. Nuno Álvares Pereira

O Castelo de Guimarães

Por M. Menezes

ENTRE os veneráveis monumentos históricos que Guimarães possui, destaca-se o seu secular Castelo, símbolo de um passado glorioso e onde nasceu o fundador da nacionalidade. Trata-se, portanto, de um monumento que é uma das maiores e melhores preciosidades do património histórico e artístico dos Vimaraneses, ao mesmo tempo que é também uma das mais brilhantes páginas da História da nossa Nacionalidade, eloqüente e maravilhosa recordação do esforço e do patriotismo daqueles nossos antepassados que tomaram parte activa em muitos acontecimentos notáveis, de alguns dos quais resultou a transformação em realidade da justa aspiração da nossa independência.

Porém, os factos que a História nos aponta como a recordarem o que foi este forte baluarte são muitos e de variada natureza e traduzem o admirável significado das vetustas muralhas desta vélo fortaleza, imagem sagrada da lealdade portuguesa.

Sobre a sua origem, diz-se que anteriormente à fundação da Nacionalidade já existia, em admirável posição estratégica, este vélo e nobre monumento militar, cuja construção, no século X, se atribue à Condessa Mumadona, casada com o Conde Ermegildo Gonçalves, senhora que descendia de nobres famílias godas, e que o mandara edificar, para defeza dos frades e das freiras que viviam no Mosteiro que ela havia fundado no ano de 959, e para velar pela segurança da gente do povoado, que no Castelo se acolhia com os seus haveres, quando fugia à fúria dos piratas normandos e às incursões dos sarracenos.

Não está, porém, confirmada em absoluto a opinião de ser Mumadona quem mandou construir o Castelo. O que se sabe — e com o testemunho de

opinões autorizadas — é que foi D. Henrique quem mandou proceder à sua primeira ampliação e a outras obras que beneficiaram a sua segurança e o seu poder defensivo.

Mas, com o rolar dos anos, os Castelos foram perdendo a sua importância sob o ponto de vista de objectivos militares, facto de que originou o abandono a que foram votados alguns e que só há poucos anos principiaram a ser restaurados, de modo a restituí-lhes a sua forma primitiva.

Entre os que têm sido beneficiados com essas obras de restauro, figura o de Guimarães, mortivo por que dêlo podemos voltar a dizer aquilo que disseram muitos escritores e historiadores de outras épocas, e que, afinal, se encontra sintetizado nas seguintes palavras de Alexandre Herculano: «O Castelo de Guimarães, qual existia nos princípios do século XII, diferenciava-se entre os outros, que cobriam quasi tôdas as eminências das honras e préstamos de Portugal e da Galiza, por sua fortaleza, vastidão e elegância». Por isso, o Castelo de Guimarães é também uma das maiores glórias nacionais e justo é que nas Festas Comemorativas da Fundação o venerando Chefe de Estado hasteie a bandeira de D. Afonso Henriques, no dia destinado à realização das principais solenidades nesta cidade.

Como muito bem disse o saudoso Dr. Alberto de Oliveira, «o Dia Um de Portugal foi em Guimarães que rompeu e ninguém lhe pode disputar tal primazia». Que seja, pois, o Castelo de Guimarães a imagem onde todos os portugueses de hoje possam contemplar um passado de 8 séculos de História, que Portugal comemora no corrente ano de 1940.



D. João I - Mestre de Avis

Dois factos gloriosos

(Conclusão)

dos outros. No seu início e na restauração, a monarquia portuguesa é um facto legítimo e jurídico. Não foi preciso que o triunfo e o direito consuetudinário dessem razão a Portugal. Poucos povos poderiam celebrar com tanta satisfação os feitos culminantes da sua História. Comemoramos, pois, os nossos Centenários e façamos dêles ponto de partida para maior confiança no futuro, para mais seguro cumprimento da missão providencial da nossa Pátria e da nossa Raça.

A GLÓRIA DA FUNDAÇÃO

Por Joaquim Costa.

Ao comemorar-se a fundação gloriosa de Portugal, nesta hora que é de desgraça e de tragédia para o mundo inteiro, sem deixarmos de acompanhar, com extremos de piedade e de tristeza, os horrores da guerra, temos o dever de sentir um certo orgulho, aliás bem legítimo, lembrando a empresa magnífica, que há oito séculos lançou, com o braço forte de um rei fortíssimo, os fundamentos da Nacionalidade cristã em que vivemos.

Guimarães tem a satisfação de ver ainda erguida, com o castelo da Mumadona, uma parte da sua vetusta muralha. Essas pedras veneráveis recordam a Portugal e ao mundo a antiguidade da Nação, berço de uma raça forte, que se não afirmou apenas nos campos de batalha, e, mais tarde, nas aventuras do mar e das conquistas, mas sobretudo no fervor e na dignidade da fé, porque tudo se fez em nome de um princípio moral e por uma determinante religiosa, em que sempre o nome de Deus e os seus símbolos eternos se confundiram com o nosso destino e nêle actuaram directamente.

O Conde D. Henrique, sentindo a morte aproximar-se, fala a D. Afonso Henriques, não só a linguagem que um pai deve falar a seu filho em tais circunstâncias, dando-lhe bons conselhos, antes de lhe lançar a bênção, e exortando-o ainda para que tudo faça, em serviço de Deus e com o fito na grandeza da terra.

A beleza dessa fala e o entôno de sinceridade com que as suas palavras foram pronunciadas devem lembrar-se, pelos séculos fora, porque encerram, na verdade, a mais nobre e a mais veemente das lições.

Dizia êle, nessa hora dolorosa e dramática, que era também de merecido repouso, para quem tanto e tanto tinha lidado, em defesa da terra do seu nascente Condado:

Deves filho de saber, q. ho poderio que ho Senhor Deos neste mundo ordenou de alguns Principes sobre outros sometidos ha elles foy por tal, q. hos maos sejaõ constringidos, e hos bõos vivaõ entre elles em paz, e ha socego, porque conservaçã hee dos bõos, e pungimento dos máos, pelo qual filho more sempre em teu coraçã vontade de fazer justiça, virtude hee que dura para sempre na vontade, e corações dos justos, e da igualmente seu direito, que he ho mayor louvor, e merecimento que os Principes em seu regimêto podem alcançar, que todo ho governo, e bem commum consiste principalmente em duas cousas, ha saber: em premio, e em pena; e assi como os bõos pela justiça se fazem milhores recebendo premio, hee gualardaõ de suas bõas obras, assi hos máos vem ha ser bõos, ou aho menos cessaõ de seus males com receo da pena, e por tanto faze filho sempre como hajaõ todos direito assi grandes como pequenos, e nunca por rogo, nem cobiça, nem outra nhuma afeição leixes de fazer justiça, que ho dia que hum soo palmo ha leixares de fazer loguo no outro se aredarã do teu coraçã hua braçada.

A fala é um pouco mais longa e desenrola-se até ao fim no mesmo tom de veemência, de eloquência e de bom conselho.

Pousei os olhos numa página da *Crónica* de Duarte Galvão, onde ela se encontrava, e pareceu-me, na verdade, que seria útil recordá-la neste momento.

D. Afonso Henriques ouviu-a e compreendeu-a. Ouçamo-la também todos nós!

O Conde moribundo legava a seu filho uma honesta lição de direito público, numa época indecisa, em que as Pátrias iam surgindo, no impulso das batalhas, em que se lutava por Deus e pela justiça, com uma fé e uma espiritualidade inabaláveis.

Carecemos de fazer renascer veementemente estes princípios eternos em que Deus é, ao mesmo tempo, o colaborador e a testemunha das melhores acções dos homens.

O Direito, a Justiça e a Bondade foram realmente as bases eternas e os fundamentos primordiais de uma Pátria, que aspirava a engrandecer-se e a perdurar.

E ainda uma outra lição se recolhe, e perfeitamente magnífica, das palavras do Conde D. Henrique: *segue toda via justiça temendo, e amãdo muito ha Deos, para q. seas dos teus amado, e temido, tendo Deos em tua ajuda, terã has gentes para teu serviço, e sem ella nom haa poder, nem saber que te aproveite...*

Utilizemos destas comemorações a parte mais bela e mais nobre, que a tradição da terra nos ensina e a espiritualidade dos homens nos legou.

O Portugal eterno nasceu neste maravilhoso fundamento de dignidade humana, que o rei *Conquistador* fixou para sempre na sua consciência e no seu coração, erguendo, em seus pregões de guerra contra o agareno, o símbolo da fé, dizendo que, por mandado de Deus, e por amor dêle, tudo se havia de fazer, em benefício da terra.

Guimarães, terra sagrada,
Rosa de eterna beleza;
Embalando a Pátria amada,
E's nobre Mãe portuguesa.

J. Gualberto de Freitas.

PORTUGAL

Nação da velha Europa muito antiga,
Jardim de mais primor em todo o mundo,
Que sol de aalentar, gentil, obriga
A ser belo país, rico e fecundo!

E' este o Portugal do Conde Henrique,
Levando sempre avante o seu destino,
Sem força que lhe domo ou modifique
O seu vigor robusto e leonino.

Apenas vencedor do mouro ousado,
Parou um pouço, friste, meditando.
Depois, mais forte ainda e arrojado,
O mar fez depender do seu comando!

O Lusitano então deambulou
Na Africa, Asia, mais além...
A sua pequenez transfigurou
No corpo gigantesco que mantém.

Jerónimos e Mafrã! A Batalha!
Poemas colossais, cheios de graça,
Atestam que medita, que trabalha
E tem valor perene a lusa raça!

O seu poder actual se desenrola
Até às amplas terras do calor:
Guiné e Moçambique, Goa, Angola...
E muito longe mais, Maçã, Timor!

Teve homens duma grande envergadura,
Ro mundo dando leis, sábias lições.
Daqueles que não vão à sepultura:
D. Nuno e Gama, Freitas e Camões!

Há pouço, como intrépido marujo,
Seguindo difficilimo caminho,
No mar nos deu Carvalho Araújo,
No ar, o pertinaz Gago Coutinho!

Concórdia nominal extravagante
Ligou com desusada perfeição,
A D. Afonso Henriques, o Infante,
O quarto ao primeiro D. João!

E para ser em tudo assinalado,
Os mais distintos povos igualar,
Possui bons estadistas no passado,
Agora tem o grande Salazar!

Por isto que eu afirmo ser assim,
Verdade luminosa, bem real,
Agrada labutar neste Jardim!
Orgulha ter nascido em PORTUGAL!

Porto. ANTÓNIO DE OLIVEIRA.

Os originaes que inserimos no presente número foram distribuídos mediante a conveniência de paginação.



Igreja da Colegiada onde se realizou o solene Te-Deum.

Heroínas da Restauração

Por Zita de Portugal.

FORA naquela reunião, no palácio dos Almadãs, de 12 de Outubro de 1640, que os conjurados decidiram mandar a Vila Viçosa um emissário, pedindo ao Duque de Bragança uma resposta definitiva. Foi o enviado Pedro de Mendonça, alcaide-Mór de Mourão.

A sua missão, que não era para delongas, desempenhá-lha numa só conferência, mas era tal a sua importância que por ela palpitariam desusadamente muitos corações de portugueses; um **Sim** ou um **Não**. Palavras breves, tam breves, que por vezes se duvida de que possam encerrar as imensidades que comportam.

Voltou o emissário com o **Sim**. Acompanhará-o por certo alguma boa estrela, pois tudo lhe tinha saído favorável.

O duque, ainda mal movido a aceitar, buscou conselheiros seguros: sua mulher, e seu secretário, e ambos exortaram a pôr a Pátria acima de tudo. O vasto papel que a mulher desempenhou na Restauração, principiou nessa hora de secreto incitamento, e só teria de cessar depois de consolidada a independência.

Neste momento solene, em que se celebra mais um Centenário e em que a Pátria se transformou em altar para a cobrirmos de flores, de joelhos dêmos graças, e, beijando o seu solo livre e abençoado, passemos ao de leve os olhos por os nomes daquelas que foram heroínas, e dignas de terem nascido em Portugal.

D. Luisa de Gusmão, bem que não nascesse em terra portuguesa, deve ser citada em primeiro lugar. Espanhola de origem pois era filha de D. João Manuel Peres de Gusmão, 8.º duque de Medina Sidónia, e sua mulher D. Joana Sandoval, descendente dos Borgias de Itália, e dos Medina Coeli. Nascida em casa nobilíssima, sabia a quanto a «nobreza obriga» por isso, sentindo a sua Pátria que adoptara, e esquecendo que era seu irmão o 9.º duque de Medina Sidónia, respondeu quando consultada: **«Antes viver reinando que acabar servindo»**.

Bem se iludira o conde duque de Olivares quando julgara que ela submeteria o marido ao jugo castelhano. Prometera-lhes o ducado de Guimarães, e outras prerrogativas, mas não contava, porém, com o espírito de justiça, e raro valor moral de D. Luisa, aliado a uma certa ambição que a faria, dentro em pouco, pelo coração, tam portuguesa como as mais portuguesas.

A decisão dessa varonil mulher acabou de o convencer, e desde que o duque deu a sua adesão, tornou-se um chefe. Sem feitiço para rei, agradava-lhe mais a sua vida livre. Era dado a aventuras, brigão e espadachim. Mas qualidades eram essas para um bom espôso, mas também não eram daquelas com que se possam adornar um cobarde.

O seu valor mostrou-o na maneira como soube organizar a defeza do país. Custou-lhe a decidir-se, pois pesado encargo lhe deu a sua alta gerarquia, mas uma vez arcando com as responsabilidades, soube mostrar-se à altura do seu difficil papel.

Pelo seu lado, D. Luisa várias vezes fez sentir, em cousas do Governo, a sua influência, e sempre de forma acertadíssima.

Curioso é lembrar uma lenda que a ela diz respeito. Conta-se que um mouro muito versado em astrologia, declarou, pouco após o seu nascimento, que ela estava destinada a ocupar um trono. E

provável que, depois de ser rainha de Portugal, se recordasse, por vezes, de tal vaticínio, se de facto, ele algum dia existiu.

Relembremos agora outro nobre vulto, aquela a quem a fama mais tocou, celebrando-a no teatro, em rima e na prosa: D. Filipa de Vilhena, 5.ª condessa de Atouguia, viúva do fidalgo do mesmo titulo, D. Luis de Ataíde.

De sentimentos tam nobres como a sua estirpe, chorava o destino da Pátria estremecida. Ao esboçar se o movimento, logo os seus filhos, a-pesar-de serem quasi crianças ainda, foram contados entre os conjurados; é que o bom sangue não podia mentir. O seu discernimento era superior à idade, e a mãe, desde pequenos, lhes ensinara o seu dever.

Chegou o dia 1.º de Dezembro. O episódio é por demais conhecido, mas é sempre tocante e comovedor.

Uma mãe, de lágrimas nos olhos mas cheia de energia arma os dois filhos estremecidos, e apenas adolescentes, cavaleiros. Exorta-os, manda-os ir e voltar vencedores, ou darem a vida pela Pátria.

Em casa de sua prima D. Mariana de Lencastre, viúva de Luis da Silva, que governara a Relação do Pôrto, passara-se a mesma cena. Ela também ajudou a armar, disse-lhes o seu dever, e, abençoando-os, lá partiram; também eram dois os filhos que tinha, e que doava à Pátria. Chamaram-se António e Fernão Teles da Silva.

Vejam os agora D. Mariana de Lencastre, que levou a seu marido João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, filho do Alcaide-mór de Pombal, Luis de Sousa Ribeiro de Vasconcelos, o titulo de conde de Castelo Melhor.

A mãe do noivo fôra dama de honor de D. Margarida de Austria, e o casamento, feito com grande agrado da côrte, realizara-se no reinado de Filipe III.

Os novos condes, porém, a-pesar-de o titulo lhes provir do rei estrangeiro, sentiram-se tam iguais no seu amor a Portugal, e tam desafeto se mostravam aos opressores, que acabaram por mandar o conde ao Brazil, num galeão da Armada de Rodrigo Lobo.

Lá se conservava quando da aclamação. Enviou-lhe D. João IV mensageiro com a boa nova, e tentou então fugir para Portugal com o rico espólio que subtrairia aos navios espanhóis, e traria por preito ao seu rei. Foi miseravelmente traído, e ele e os partidários postos a ratos. De tal forma o trataram, que ao conde sempre ficaria a mão direita lesa e o corpo cheio de cicatrizes.

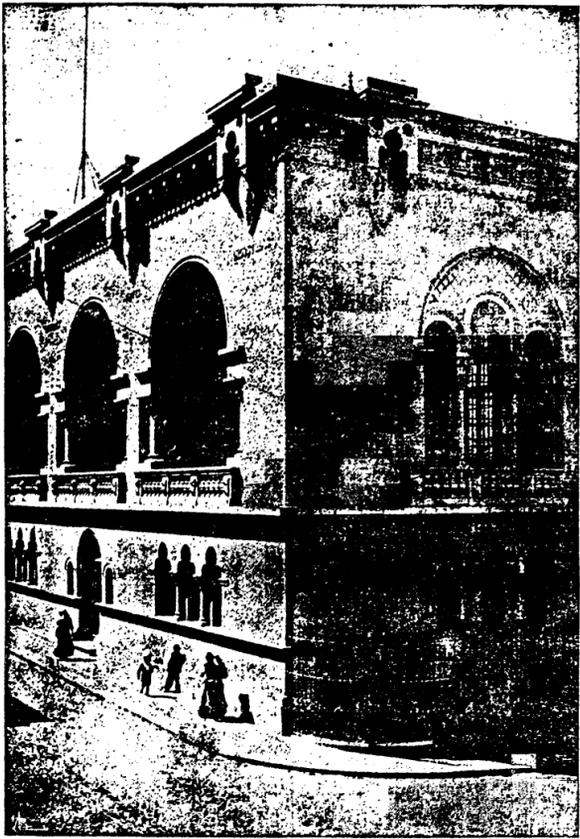
Chamou el-rei, D. Mariana, para lhe contar as desditas do espôso. Serena ouviu-as, e cheia de nobre orgulho, sem lágrimas, pediu apenas para que rápido se aprestasse o navio de socorro.

Grandes esforços tiveram de empregar os do navio libertador, mas por fim conseguiram a evasão, depois de alguns episódios curiosos.

Grandes foram as mercês que lhe foram concedidas por el-rei: duas rendosas comendas, deu-lhe entrada no Conselho de Guerra, e nomeou-o governador das armas de entre Douro e Minho.

Logo no primeiro combate tomou Salvaterra, mas D. Martin de Redim, prior de Navarra, governador das Armas da Galiza, procurou desforçar-se, e continuavam combatendo.

Partira o conde com 5.000 infantas, e na praça de Monção ficara D. Mariana com seus



Sociedade Martins Sarmento, onde teve lugar a Sessão Solene Inaugural das Festas Centenárias.

As Capelas Reais

A etimologia ou origem da palavra capela deriva das duas latinas *capre pellibus*, pois antigamente, nos primeiros séculos, os edifícios eram cobertos de colmo e as casas dedicadas a santos e portanto consagradas a Deus eram tapadas de peles de cabra a fim de serem melhor isentas das inclemências do tempo (Mass., 158, a fl. 3 da collec. Pomb. da secção dos Reservados da Bibliot. Nacion.)

As capelas reais outrora eram estabelecidas, pelos reis, nas localidades aonde estes se encontravam e por isso não eram fixas.

Segundo afirmam as Crónicas foi Salomão o primeiro rei que constituiu a sua capela com estabilidade, fundando-a junto do seu paço, para os seus serviços religiosos, grande palácio em que habitava, recebendo os seus capelães particularmente o que lhe queria dar em pagamento ou remuneração deles.

O imperador Constantino, abjurando das suas superstições gentílicas e convertendo-se a fé cristã, criou sacerdotes que o serviam não só na sua capela que fundou junto do seu palácio, como em campanha, fazendo-se acompanhar sempre de um altar portátil no qual se realizavam os actos do culto religioso e ouvia missa nele celebrada, assistido de muitos sacerdotes.

Entre nós foi Teotónio, primeiro rei católico dos suevos quem, depois do Concílio de Lugo em 507 em Espanha, fundou uma capela para o seu serviço religioso no mosteiro de Dume, nas proximidades de Braga, da qual nomeou capelão-mór D. Martinho, a quem entregou a jurisdição dos outros capelães, sacerdotes seculares. Capelão-mór era então o ápice das dignidades palatinas.

Depois o conde D. Henrique, vindo para Portugal, tomou a governança do condado portugalense que lhe determinara o rei de Castela, Afonso VI, estabeleceu a sua capela na igreja de S. Miguel, junto do Castelo de Guimarães, burgo em que estabeleceu sua residência e de que fez capital dos seus estados.

D. Afonso Henriques, seu filho que foi o 1.º rei de Portugal, transferiu-a para a igreja da colegiada de N. S. da Oliveira, anteriormente dita de Santa Maria, de Guimarães, edifício em que vigorava um convento fundado por Mumadona e de cuja capela ele nomeou capelão o arcebispo de

Braga, D. Paio Mendes, por carta passada em 27 de Maio de 1146. Esta capela foi, depois da morte do rei, utilizada pela viúva D. Teresa e por seu filho D. Sancho que sucedeu a seu pai no trono. D. Afonso Henriques tendo mudado da residência de Guimarães para Coimbra, estabeleceu a sua capela no mosteiro de Santa Cruz, da mesma cidade de Coimbra, clausura que ele frequentava assiduamente rezando as *Horas Canónicas* com os Irmãos no côro, sujeitando-se gostosamente, como se fôsse professo, à disciplina, usando até o título de cônego. E para prova basta afirmar-nos que até ao reinado de D. João III conservou-se ali uma porta chamada da *espada*, assinalando o local onde ele dela se descingia.

Como as capelas reais, conforme já dissemos, não eram fixas, D. Afonso Henriques depois da conquista de Lisboa em 1147 para esta deslocou a sua residência, mudando para a mesma cidade a dita capela indo estabelecê-la junto do Castelo em uma mesquita mussulmana então ali existente. Vivia em palácio seu.

Depois, conquista Santarém e para ali vai residir e com o auxílio dos cavaleiros-templários nessa cidade permanece, instalando a sua capela na colegiada de Santa Maria, dedicando-a a S. Miguel, santo de que era muito devoto e em acção de graças pela sua intercessão no bom êxito da causa que durante a batalha lhe pedira.

D. Sancho I, D. Afonso II e D. Sancho III conservaram esta capela no mesmo estado devido à grande devoção que dedicavam à imagem de N. Senhora, remetida por S. Bernardo, em tempos passados a D. Afonso Henriques, vinda de Claraval.

D. Afonso III, indo residir para o Paço, em Lisboa, fronteiro à igreja de S. Martinho, que já anteriormente havia sido residência régia, instalou na dita igreja a sua capela. D. Manuel I destinou o dito Paço para a *Casa da Suplicação*, reservando, porém, uma parte para aposentadoria dos príncipes. Este rei, para maior comodidade sua, estabeleceu um passadiço do paço para a igreja onde ia, diariamente, com a família, ouvir missa. Neste Paço residiu também a rainha viúva de D. João II, depois da morte deste, até 1525 isto é, até ao reinado de D. João III. No mesmo, D. Fernando, tendo feito aliança com D. Pedro, rei de Aragão, pediu-lhe em casamento a filha D. Leonor, com a qual se desposou, apenas de palavras, naquela referida igreja, diante do embaixador espanhol, casamento que nunca se consumou ficando sem efeito por D. Fernando o ter realizado com D. Leonor Teles, faltando assim ao com-



Novo Monumento a D. Afonso Henriques, junto ao Castelo de Guimarães

promisso que contraíra com o dito rei, facto que trouxe graves conseqüências para Portugal.

D. Diniz, teudo possuído capelas em Santarém, Alenquer e Torres-Novas, transferiu a sua capela de Lisboa para a igreja de S. Bartolomeu, junto do Castelo, pois ali viveu no seu Paço, perto de 20 anos.

Sua mulher D. Isabel — depois santa — rezava todos os dias as *Horas canónicas*, parte na sua ante-câmara e parte nesta sua capela, para a qual tinha acesso por uma comunicação interior. O rei *lavrador* transferiu-a depois para o antigo oratório que o rei *conquistador* havia mandado erigir dentro do Castelo, e de que fizera sua capela, determinando que nela se fizessem officios divinos e se celebrassem missas diárias, devidamente autorizado pelo Bispo D. João Matheus Soalhães que, decorridos dois anos, por gratidão ao rei e com o beneplácito do Cabido, se obrigou, por escritura pública, a manter à sua custa dois capelães permanentes com os respectivos acólitos na dita capela.

Foi esta a primeira capela com carácter permanente que houve, em Portugal e dela foi seu primeiro capelão Frei Martinho Escola.

D. Afonso IV, mantendo a mesma capela, impetrou do Papa João XXII uma bula, que lhe foi passada em Avinhão, no ano de 1325 (portanto logo no princípio deste reinado), na qual concedia ao rei e seus sucessores a graça dos clérigos e familiares da sua capela serem constituídos em dignidade.

P.º Alberto Gonçalves.

N. da R. — Este artigo é da série que está em nosso poder e que o saudoso extinto escreveu, propositadamente, para o «Notícias de Guimarães».

Três coisas indispensáveis a um homem:

Uma mulher

Um automóvel

Uma omeia

Tabú

à venda na

Casa das Gravatas

Toural - Telef. 188

filhinhos, alguns soldados, e, na vila, velhos e mulheres. Ela não abandonava as muralhas. Despira as saias embonadas e envergava vestes lisas que deixavam ver as botas e as esporas, e, na cabeça, chapéu emplumado de militar.

Junto de Salvaterra batalhava-se com delírio, com rasgue de heroicidade tam louca que não há palavras bastantes para o explicar.

Descobriram-se os portugueses no meio de um combate, saltando uns atrás dos outros numa sobre-excitação de bravura para junto dos castelhanos. Vendo-os a descoberto lança-se sobre eles a cavalaria inimiga. Estavam talvez perdidos; iam pagar caro o valente mas pouco prudente rasgo. De súbito, do lado de Monção, começa a rugir a artilharia. As balas mortíferas sucedem-se umas às outras, e ferem, matam, assombrom por inesperadas, e com muitos mortos, e o quartel general atingido, os espanhóis dão-se pressa a retirar.

Pela segunda vez Monção revelava uma heroína. Agora D. Mariana, condessa de Castelo Melhor; no reinado de D. Fernando, também contra Castela, a grande Deu-la-Deu Martins, esposa do governador da mesma praça, Vasco Gomes de Abreu.

Prevedendo o perigo em que estavam os portugueses, teve a condessa o rasgo genial de mandar levar a rudimentar artilharia de que dispunha, e arrastada por homens, que num esforço titânico a levaram, na falta de cavalos, até à orla do rio, onde à ordem da nobre mulher, despejaram forte tiro-teio sobre o campo inimigo.

A fama deste feito chegou a Madrid, e logo foi destituído o prior de Navarra, e nomeado o Cardinal Spinola

Alardeando desdens, atacou este Salvaterra, mas de tal forma se defenderam os nossos que os obrigaram a recuar com muitos feridos.

Pensou o cardinal entrar em Monção desguarnecida, prender alguém e obter informes para depois proceder. Sempre vigilante, D. Mariana, pela calada da noite, sente-os aproximar-se, salta sobre um cavalo, corre a vila acordando todos, quartéis e civis. Reúne a pouca tropa que dispõe, e tal barulho e alarde faz, que o cardinal desconhecendo a situação, teme, e não entra na vila.

Pela segunda vez se deveu à horóica condessa a salvação da praça.

quista de Salvaterra, derrotada em vários recontros, o cardinal pede a demissão para Madrid. El-rei manda então o Castelo Melhor para o Alentejo, onde era depois mais acesa a peleja.

Foi o conde, mas a condessa guerreira essa voltou à côrte, retomando os seus trajos, e a sua vida de outrora, como se os seus actos heróicos tivessem sido apenas um sonho.

Muitas foram também as heroínas obscuras, que radiantes ao ver a sua Pátria libertada obraram feitos de maior ou menor valor.

Micaela Martins de Aguiar, ao ver aclamado D. João IV, saltou para a rua empunhando uma faca, obrigando todos os que encontrava a dar vivas ao rei português. Topou um espanhol a quem mandou fazer o mesmo, mas como ele gritasse «Viva Filipe», atirou-se-lhe com tal sanha, que, apesar de ele se defender, e de a ferir, conseguiu dominá-lo, até que deu o viva exigido.

Em Coimbra duas mulheres fizeram o mesmo: Maria Anes e Quitéria Borges.

Uma outra chamada Caetana, por seu irmão ser usurpador, e como o não fizesse dar um viva a D. João IV, deu-lhe tal cutilada que o matou.

Helena Peres, viúva de João Felgueiras, vendo que no cerco de Monção rareavam os defensores, formou um corpo de 30 mulheres, que armadas de chuçós, e das armas que apanhavam aos mortos, batalhavam denodadamente.

Uma delas, por alcunha a «Tusca», foi atingida no ventre por uma bala. Segurando com as mãos os intestinos, rogou que a levassem à igreja do Espírito Santo. Uma vez lá, fez breve oração, pediu que lhe tirassem o dinheiro que trazia para missas, e, depois de incitar a prosseguirem, sem desfalecimentos, a defesa, morreu.

Quatro séculos passaram sobre tam gloriosos feitos.

E' hoje o dia dos heróis da Restauração, é o dia de elas também.

Nesta terra pequenina, onde nasceu Portugal, onde o braço possante de Afonso Henriques firmou os fortes alicerces da nossa Pátria, estão hoje os olhos de todos os portugueses.

Quando se desfaldar a bandeira das quinças e choverem flôres numa caricia doce sobre o nosso Castelo velhinho, ajoelhemos e digamos:

«Ditosa Pátria que tais filhos tem!»

Junho de 1940.



Templo de S. Francisco, onde se está realizando a grande Exposição de Arte Sacra

AUTO DO BERÇO

A propósito deste notável e brilhante trabalho literário, publicamos a seguir a carta que o seu ilustre autor teve a gentileza de nos enviar.

Meu Camarada:

Quebrado de saúde e ânimos, um castelo de compromissos literários anteriormente tomados e, em parte, ainda não cumpridos, — impossível me foi e é, já agora, obedecer ao convite de V. ...

Além de tais razões há também que versos nem sempre se fazem quando a gente quer. Embora a vontade seja firme e larga como as terras fundas, não lhe pertence aquela hora aberta do Abril incerto... E, às vezes, de nada vale inscrevê-la no nosso calendário.

Assim, que o «Notícias de Guimarães» perdoe o meu silêncio. Coisa alguma perderá com êle: só para mim é lamentável frustrar-se o bom ensejo de lhe ser útil.

No entanto (não há naufrágio sem tábua de salvação!) uma ideia ocorre; e aqui a deixo como simples sugestão e, apenas, no sincero desejo de, porventura, para alguma coisa servir ainda: O n.º 3 dos meus «folhetos de cordel», *Na hora incerta*, é o «Auto do berço» que, precisamente, faz seu embalo e cantar nesse Castelo-Berço. Publicado há vinte anos, creio que está redondamente esquecido. (Em Portugal, à hora da seitoira facilmente se esquece a hora que foi da enxada). E de-certo que não paga a pena de ser lembrado. Todavia, de alguma forma me é consolador fantasiar que, — a quasi metade da metade dum século, — já o pobre, desprevenido poeta colaborava... nos Centenários.

Desconhecidos, soarão a novo. A velhice não lhes diminuirá o valor se, por acaso, algum tiverem: pelo contrário terão, ao menos, a rústica frescura dos «anúncios da primavera» ou «campanhas» como lhe chamam na Beira e que por êsses montes sumidamente vão tilintando a flores até que chegue o grande carrilhão de Maio. Por muito insignificantes que êsses versos sejam, confesso que se hoje os escrevera não o faria nem com melhor arte (pobre de mim!) nem com mais amor, entusiasmo e fé nos destinos de Portugal.

Enfim: envio por este correio um ex. do poemeto, — inteiramente o deixando ao dispor de V. ..., para a mera hipótese de qualquer aproveitamento. Apenas desejaria, em caso de transcrição, que apontada ficasse a *série literária* a que o poema pertence.

Lamento ver forçado a tão pouco o meu já pequeníssimo préstimo. Porém, possível é que, um dia, outro momento surja para mim propício e feliz.

Entretanto, com as minhas desculpas, aceitem V. ... os protestos da minha maior consideração e grato bem-querer e camaradagem.

António Corrêa d'Oliveira.

5-Abril-1940, Quinta de Belinho, Espozende.

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Só porque nos foi absolutamente impossível conseguir, a-pesar-de termos empregado todos os nossos esforços nesse sentido, a fotografia de S. Ex.º o Senhor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Engenheiro Duarte Pacheco, Cidadão Honorário da Cidade de Guimarães, deixamos de prestar-lhe, neste número, a consagração a que tem jus pelos altos serviços que vem prestando a Guimarães, no restauro do Paço dos Duques de Bragança e em outras obras da maior importância cidadina.

Lamentando o facto, nem por isso deixamos de testemunhar ao Ilustre Membro do Governo, gratidão e reconhecimento, pois, fazendo-o, temos a certeza de bem interpretar o sentir de todos os vimezanenses.



Citânia de Briteiros

Embaixador

Dr. Alberto de Oliveira

Publicamos noutro lugar um primoroso artigo do saudoso Embaixador Doutor Alberto de Oliveira, que às Festas Centenárias da Fundação deu todo o calor da sua grande Alma de Português e que neste dia festivo estaria aqui, junto aos Venerandos muros desta Cidade que tanto acarinhou, classificando-a de «DIA UM DE PORTUGAL», se a morte não o viesse roubar. há bem pouco tempo ainda, ao convívio dos seus e ao país a que prestou relevantes serviços.

O Notícias de Guimarães, a quem o Saudosíssimo Morto dispensou atenções que profundamente nos sensibilizaram, eleva neste dia as suas preces ao céu por alma do Grande Diplomata Português.

Só uma linda mulher é que pode substituir uma

Camisa Tabú

à venda na Casa das Gravatas.

Toural — Telef. 188



Dr. Alfredo Pimenta Ilustre Conferente da Sessão Inaugural na Sociedade Martins Sarmento

Altinino Gonçalves

Por nos ter chegado tarde o original deste nosso distinto colaborador, não pudemos inserir o seu nome no quadro que noutro lugar publicamos, do que esperamos nos desculpará.

Lêde e propagal o «Notícias de Guimarães»

FESTAS CENTENÁRIAS

O Grande Cortejo do Trabalho realizar-se-á no Pôrto, no próximo dia 5 de Julho

Entre os números do programa das Comemorações Centenárias, que terão início no dia 2 de Junho, com um solene «Te-Deum» na Sé Patriarcal e em todas as Sés, Colegiadas e velhas Matrizes de Portugal e do Império, destaca-se o Grande Cortejo do Trabalho, que desfilará nas ruas do Pôrto, no dia 5 de Julho.

Esta grandiosa demonstração alegórica, vasada em moldes amplos e de largos objectivos nacionalistas, pois nela estarão condignamente representados o comércio, a indústria e a agricultura de todas as provincias portuguesas, no que elas tiverem de mais característico e mais belo — há-de constituir um acontecimento do maior relevo e terá o alto significado de uma deslumbrante glorificação secular.

Correspondendo inteiramente ao pensamento que o originou, o Grande Cortejo do Trabalho será exibido num ambiente próprio e com a imponência devida, afirmando, mais uma vez, o entusiasmo, o carinho e o amor que os portuenses dedicam a todas as iniciativas que, estimulando o seu amor-próprio de empreendedores audaciosos e de realizadores probos e honestos, de algum modo, poderão reflectir-se no bom nome da sua Cidade.

Já foram aprovados superiormente, e estão a ser concluídos, os carros alegóricos «A Agricultura», «A Pesca», «O Azeite» e «As Frutas», de José Luiz; «Trabalho Nacional» e «A Indústria», de Carlos Carneiro; «O Pão Nosso de Cada Dia» e «O Milho», de Octávio Sérgio — e ainda muitos outros que se iniciaram e que breve se anunciarão.

Podemos, no entanto, dizer que o sr. Eng.º Mário Borges, presidente da Direcção da Associação Industrial Portuense, tomou a seu cargo a representação das numerosas classes agregadas naquele organismo, tendo feito já a entrega das «maquetes» dos respectivos carros alegóricos ao organizador oficial do Cortejo.

Congregam-se, portanto, os melhores esforços para que nada falte, ou tenha de se improvisar; e, pelo que está feito, pode assegurar-se que tudo ficará concluído a tempo.

Também se trabalha intensamente na organização oficial da «Memória e Descrição do Grande Cortejo do Trabalho», feliz iniciativa que ficará a documentar este grande acontecimento nacional de consagração das actividades económicas portuguesas. Insere-se colaboração das altas entidades oficiais, focando problemas de interesse e de flagrante oportunidade; o trabalho na organização Corporativa do Estado Novo, no comércio, na indústria, na agricultura, transportes e comunicações; a acção dos Municipios no trabalho nacional, e concluirá com a descrição pormenorizada e profusamente ilustrada de todos os elementos que formarem aquele Grande Cortejo.

Produtos TOKALON

Cremes «noite e dia», Pó de Arroz e Rougo desta acreditada marca francesa, todas as cores, todos os tons só na

Casa das Gravatas

Toural — Telef. 188

Os nossos pobres e as nossas Festas

Albano de Sousa Guise, nosso querido Amigo e Conterrâneo, quis aproveitar mais esta oportunidade — a das Festas Nacionais da Fundação de Portugal — para manifestar os seus nobilísimos sentimentos de Benemérito



Albano de Sousa Guise

que é, incontestavelmente, tantos e tão frequentes têm sido os seus gestos de carinho pelos desprotegidos da sorte. E assim, lá de bem longe, do Brazil, enviou ao «Notícias de Guimarães» a quantia de MIL ESCUDOS que, conforme sua vontade, ontem fizemos distribuir por 50 pessoas e famílias envergonhadas da nossa terra que ao Benfeitor e Amigo devem já elevados benefícios.

Na carta que nos escreveu dizia:

«..... desejo concorrer para que o «Notícias de Guimarães» seja o veículo para em nosso nome dar alguma alegria a alguns patricios mais infelizes e necessitados.....»

Apraz-nos registar o facto e salientar a nobre lição que o sr. Albano Guise nos dá, repetição de tantas que o tornam crêdor da simpatia e da gratidão de todos quantos dentro dos muros desta nobre cidade, que é a sua Terra Natal, de há muito vêm registando o interesse que a S. Ex.ª mereceram sempre e continuam a merecer as necessidades de tantos conterrâneos e compatriotas seus e bem assim o engrandecimento da sua terra.

Pena é que Albano de Sousa Guise não esteja hoje junto de nós, de seu Venerando Pai e de outros entes queridos. Longe, embora, e porque as circunstâncias do momento lhe não permitiram vir associar-se ao jubilo dos vimezanenses, êle está connosco em espirito e dá a tantas pessoas a alegria de gozarem estas magníficas festas que estão decorrendo, com um pouco mais de conforto do que em outros dias.

Bem haja Albano de Sousa Guise.

Meias! Meias! Meias!

As melhores, o maior e mais completo sortido para homem, senhora e criança.

As meias da CAMISARIA MARTINS são sem defeitos, qualidades seleccionadas e as mais duráveis.

Tapetes e passadeiras. Artigos de bordar nacionais e D.M.C. CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias.

Alfredo, Um garotito Moreno Com quem gosto de falar; Um dez-reisinhos de gente, De olhar meigo, obediente, Que seduz, A lembrar O Nazareno, Quando surgiu em Bethlem, Ainda longe da Cruz, Conheço-o eu, muito bem, Porque vós não, certamente...

E' que êle O pobre pequeno De olhar profundo, Sereno, Toda a riqueza que tem Neste mundo, Habita lá para a Serra, Assim... uma 'spécie de terra De ninguém...

Mas é esperto O Alfredo, A viver nesse «deserto», Que não habito, Mas sou forçado a cruzar... E, no seu falar incerto, E' bonito E tem coisas de pasmar!

Hoje apar'ceu-me tristonho, Tão triste, Que o próprio Sol se escondeu... Como a viver um mau sonho, Ele... que pouco cresceu!

E muito chegado a mim, O Alfredo, Esse lindo querubim, Tão longe dos desenganos E contendas Que na Vida há-de encontrar, A chorar, Confiou-me, muito aflito, Num queixume, Terem-lhe dito Que a sua Pátria faz anos, Sem êle ter, p'ra lhe dar, Pobresito, Umas prendas, Como é costume... Em dias de aniversário...

Não resisti... e beijei-o... E estreitei-o Contra o meu peito robusto, Encantado pelo susto, Bendito p'lo puro enleio Da mágoa do pequenito...

E, num grito Da minh'alma, embevecida, Qual legenda Que em seu peito ia gravar, Disse-lhe que a sua vida Era a mais bonita prenda Que à Pátria podia dar!

Desde então O Alfredo Não voltou mais a chorar...

ALTININO GONÇALVES.

A grande marca de Fio para calçado

Leão

REGISTADA



Rotulo Azul-Dourado

Numeração e metragem exactas

Vinte anos de exito! Em maços de 400 gramas.

Peso liquido de fio 370 gramas.

Por ser melhor é o mais barato!



N.º 2 - 3 de Junho de 1940.

Torneio "Centenários," Charadas

Em prosa

Novíssimas

1) Portugal... *É notável a alma de seus filhos; mas é extraordinária mente belo vêr que não os esqueces!* — 2-2
Lisboa. **COPOFÓNICO.**

2) *Em cima do Castelo velho, tremula o primeiro pendão da minha pátria divina!* — 2-3
Guimarães. **DÉLIA.**

3) *A energia Lusa de 1640, legou-nos um Portugal independente e forte.* — 2-1
Biscaia. **QUIM MOSQUITO.**

4) *A nacionalidade portuguesa foi decidida nos campos de S. Mamede, onde D. Afonso Henriques domina os castelhanos e com mágoa prende sua mãe no castelo, sendo aclamado Rei vencedor.* — 3-1
Pôrto. **REI DO ORCO.**

5) *1640! Feito igual não há! 1940! A minha saú-lação à Independência.* — 2-1-2
Pólvoreira. **REIROBI.**

Sincopadas

6) *O ardor de D. Afonso Henriques foi a base da Independência, repellido os inimigos da pátria, para longe.* — 3-2
Lisboa. **AGNUS MATUTUS.**

7) *O valor de Portugal está na força do patriotismo dos seus filhos.* — 3-2
Pôrto. **A. L. C.**

8) *1140, é a data sublime da fundação de Portugal; 1640, representa a nova aurora dos portugueses.* — 3-2
Lisboa. **DROPE.**

9) *1140! Estabelecimento da nacionalidade portuguesa! 1940! Festa para os portugueses!* — 3-2
Coimbra. **JOHN BIFFE.**

10) *Pela glória de Portugal, tudo admito.* — 3-2
Lisboa. **MADAME LÉRIAS.**

11) *Portugal, apesar de muito pequeno, é de beleza sem par.* — 3-2
Albarraque. **MOENITA.**

12) *Independência! Grito de triunfo imposto pela razão!* — 3-2
Pôrto. **PAGATÃO.**

13) *1140-1940: Sobre as pedras do Castelo ataneiro, brilham as armaduras antigas de Afonso I.* — 3-2
Guimarães. **P. DE INKIN.**

14) *A política hábil do nosso Chefe, foi a base da segunda restauração de Portugal.* — 3-2
Lisboa. **ROTIE.**

Em verso

Logogrifo

(Duplo)

1140-1940!

8 - 2 - Não pode em nosso peito honra maior haver. — 4-9-3
10 - 7 - Oh! Do que a terra heróica e livre pertencer! — 11-9-3

1 - 2	A Pátria celebra,	11-2-7
8 - 2	A si hoje enlaça,	7-4-7
1 - 2	A data tão grande,	4-7-8
4 - 2	Que cheia de graça,	11-7-8
3 - 5	Sepassa hoje em dia,	11-2-8
6 - 5	Minha Pátria canta	11-2-7
8 - 2	A vitória d' "Ela",	11-9-5
4 - 2	Que tanto a levanta!	7-8-7
3 - 2	Sua gran liberdade Ela expô com firmeza;	11-7-8
1 - 10	O seu nome d'heróica em todo o mundo sôa!	4-2-7
6 - 5	Meu Portugal tão lindo e tão nobre e tão santo,	11-7-10
9 - 2	Tua fama de audaz eternamente deoa!...	11-2-7
3 - 7	Catedral és d'heróis ó minha santa Pátria,	8-7-3
5 - 8	Inda não vi país mais sublime existir!	11-12-3
7 - 3	Estás independente! É livre o luso campo,	9-3-2
1 - 10	Não podes maior bem, ó Pátria, possuir!	4-12-8
8 - 5	Nem nome tão grande	4-7-8
7 - 5	Fu vi alcançar	4-9-3
5 - 1	Inda a estranha Pátria,	8-7-3
10 - 7	Oh! Meu luso altar!	7-3-7
1 - 10	O teu resplendor,	11-2-8
10 - 7	Oh! A que tem jus,	6-5-3
8 - 2	A vida nos prende	1-9-7
3 - 10	Apenas à luz!...	11-2-8

7 - 5 - Eu te saúdo ó Pátria alheia à timidez! — 8-7-10
Origem teve santa, o nome português!...

ALBERGARIA - A-VELHA.

OLEGNA.

16) **1140-1940**
Felos seus oito séculos de história, Os portugueses, com um ardor belo, Reituen-se em volta do Castelo, Todos cantando mil hinos de glória! Uma feliz era para nós nasceu, Garantia de eterna liberdade! Afonso Henriques, foi, na sã verdade, Luso arrogante, que ninguém venceu! — 2-1
Guimarães. **SATAN.**

18) **Logogrifo**
Mil seiscentos e quarenta, eis a data memorável, dum povo, que anos, sessenta levou vida miserável. — 7-5-6
Não só por ser dominado pela força do opressor, como a ele vêr ligado tanto português traidor. — 2-5-6-4-8

Sincopada
17) Guimarães vai celebrar Com um brilho sem igual Uma data secular Do velho Portugal!
D. Afonso aqui nasceu E até "ao fim", batalhou Com sua espada venceu Quem seu poder atacou.
Alma de bravo herói, Bendita e abençoada... A moirama ele destroi, Fundando a Pátria amada.
Guimarães. **PSOLE.**

Mas entre os nobres havia quem pensasse em libertar a pátria, da tirania, e Portugal restaurar.
Um de Dezembro rompeu, logo a luta começou, com furor se combateu, mas a Pátria se salvou, — 1-2-8
Tornando-se independente — 7-3
Este povo tão fecundo, que pequeno, mas valente, deu lições a todo o mundo.
Lisboa. **FOSQUINHA.**

Produtos TOKALON

Crems «noite e dia», Pó de Arroz e Rouga desta acreditada marca francesa, todas as cores, todos os tons só na

Casa das Gravatas

Toural -- Telef. 188

B. B. B.

Bom, bonito, barato: é o calçado da CAMISARIA MARTINS.

Grande sortido de calçado de lona em sola de borracha. Sapatos de fantasia, em cabedal, desde 22\$00!!! Sapatos para criança desde 6\$00!!! Só na CAMISARIA MARTINS, a Casa das Meias. 121

Informações

Chegam hoje às 19 horas a esta cidade, sendo carinhosa e festivamente recebidos por todo o Distrito, S. Ex.ª o Senhor Presidente da República e os Senhores: Presidente do Conselho, Ministros das Obras Públicas e Comunicações, Marinha, Educação Nacional e Justiça e os Srs. Sub-Secretários das Obras Públicas e Comunicações e das Corporações e Previdência Social, Cardeal Patriarca, Arcebispo de Mitilene, Embaixada Especial do Brasil e outras individualidades.

Junto do Castelo de Guimarães — o Castelo da Fundação — o Senhor Presidente da Câmara, Dr. João Rocha dos Santos, fará a entrega da Chave do Castelo ao Senhor General Carmona, entrando seguidamente Sua Ex.ª nos seus aposentos.

A Velada de Armas, junto à Residência Presidencial, iniciará-se às 21 horas e terminará às 5 horas da manhã, de amanhã, dia 4 de Junho. A Guarda será rendida, às 7 horas, pelos Cavaleiros da Fundação.

S. Ex.ªs os Senhores Presidente da República, Presidente do Conselho, Cardeal Patriarca e Arcebispo Primaz, assistirão ao desfile do Cortejo das Flores, das ameias da Torre de Menagem do Castelo.

O *Auto da Fundação*, que será representado às 22 horas do dia 4, junto do Castelo de Guimarães, será precedido de um Concerto de Órgão.

Depois do Concerto, e antes da representação do *Auto*, os Velhos Colonos, que vêm tomar parte nas grandes comemorações nacionais, irão depôr, junto do Castelo, terra das nossas Colónias.

Amanhã, à noite, no Jardim Público, das 21 às 23 horas, realizará o seu anunciado concerto a Banda Regimental de Infantaria 18.

Diversas Câmaras do País, entre as quais as de Lisboa, Pôrto, Coimbra e outras Cidades, enviam carros de flores que serão incorporados no deslumbrante Cortejo das «Flores de Portugal».

UM AROMA DELICIOSO E PENETRANTE A LARANJAS FRESCAS SE ESPALHA NO AMBIENTE QUANDO SE ABRE UMA

“LUSORANJA,” OU “YOGURA”

UM PRAZER QUE NUNCA ESQUECE QUANDO SE BEBE REFRIGERANTES DA PURÍSSIMA ÁGUA DE LUSO

Agente Depositário:

A. BOURBON DO AMARAL

Rua de Santo António — GUIMARÃIS

Fornecedor de:

ANILINAS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA A INDÚSTRIA, DA FIRMA:

SAINT-DENIS

Não duvidem!

A Casa das Soldaduras, M. FARIA

de Largo do Serralho — é ainda hoje a única que bate o *récord* em vendas de fogões, prova evidente de que os mesmos dão as melhores provas. Esta casa far-se-á representar com fogões do último modelo em exposição, em vários estabelecimentos.

Com pessoal bastante competente, foi esta a casa construtora das portadas e montras do estabelecimento dos Srs. DIAS & CARVALHO — Casa das Gravatas — sob a orientação do Arquitecto Ex.º Sr. J. A. SEQUEIRA BRAGA, que pela primeira vez nesta cidade demonstrou a sua competência em estética; assim como as portadas da Casa Bancária Ferreira Alves, e frentes do estabelecimento do Sr. Vasco Fernandes, obra esta ainda em acabamento.

Todos os trabalhos honram a construção Civil. Os dois últimos foram feitos por projecto do Ex.º Sr. AUGUSTO DE AGUIAR, que neles colocou todo o seu esforço, boa vontade e inteligência, para o engrandecimento da nossa terra.

Empresa Auto-Recoveira Vimaranense

Com camionetes de aluguer para transportes de mercadorias.

ESPECIALIZADA EM MUDANÇAS.

Rua 31 de Janeiro, 115 — Telefone. 217 — GUIMARÃIS
No PORTO: Rua Duque de Loulé, 173 — Telefone. 6379

Produtos de Beleza

Naly e Benamor

Encontra-se à venda a grande colecção destes produtos na

Casa das Gravatas

Toural -- Telef. 188.

Bernardino Alves Marinho — Guimarães

FÁBRICA DE

Calçado

Conquistador



EXPORTAÇÃO PARA O CONTINENTE E ILHAS

Internato Académico

ANEXO AO

Liceu

Martins

Sarmento

Instrução primária,
Secundária,
Cívica
e Religiosa

Colégio
para alunos
matriculados no Liceu
instalado no
mesmo edifício.

Pedir prospectos
à
DIRECÇÃO

TELEFONE,
139

GUIMARÃIS

Casa dos Linhos (REGISTADA) Tele { Gramas: TEIXEIRA ABREU
fone N.º 25

TEIXEIRA d'ABREU & C.

Premiados na Exposição de Paris

Fabrico especial de Panos de Linho de Guimarães
Atealhados, panos d'algodão, lenços, colhas de seda e ditas d'algodão.
Bordados regionais, serviços para cama, ditos para mesa, centros, naperons, enxovais, etc.

32, 33, 34, Largo Prior do Crato, 35, 36, 37 Guimarães.

União de Estamparias, L.^{da}

Estamparia, Tinturaria e Branqueação de Tecidos

FÁBRICAS em: Olivais e Alcântara — LISBOA

ESPECIALIZADA em artigos para o Ultramar
Pintado Angola 27" e 38" (tipo alemão). Pintados diversos
em 19", 24", 27" e 33". Lenços Samacácas de 50" x 70 etc.

ARTIGOS DO CONTINENTE:
Todos os usuais tintos e estampados em algodão e mistos.

ESCRITÓRIO: — Rua dos Douradores, 126-1.º — Telefone, 26362

L I S B O A

CARREIRA ENTRE
GUIMARÃIS E PORTO

Escritório em Guimarães:
PRAÇA DO TOURAL
Dias úteis — PARTIDAS: 8,05 h., 12,35 e 18,20
Aos Domingos — PARTIDAS: 8,05 e 18,20
TELEFONE: 181

Escritório no Porto:
RUA DO ALMADA
(Garagem C. do Porto)
Dias úteis — PARTIDAS: 8 h., 12,30 e 17
Aos Domingos — PARTIDAS: 8 e 17 horas.

JOÃO FERBEIRA DAS NEVES

Pão de Ló "Vitória"

(FABRICO ESPECIAL)

Confeitaria e Pastelaria «VITÓRIA»

Fornecedora de copos de água para:
Casamentos
Baptizados,
Lunchs,
Chás dançantes, etc.

Sortido completo em:
Pastéis, Queques, Doce de Chá, Pudins
e Tortas, especialidade da terra.
A ÚNICA NO GÉNERO QUE MELHOR SERVE.

PRAÇA DO MERCADO
(Esquina da Av. dos Pombais)
GUIMARÃIS

JOSE DE MELLO & CIA

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,
IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Trânsito, de Fabricantes
e Negociantes estrangeiros e nacionais

O MELHOR
CAFÉ É O D'A **BRASILEIRA**

Teles & C.^a, L.^{da}
75, Rua de Sá da Bandeira, 91
PORTO

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
Praça D. Afonso Henriques
Guimarães

José Albano, Sucessores

R. Mousinho da Silveira, 182 -- PORTO
TELEF. P. B. X. 830

Correias, óleos, empanques e borracha. Ferramentas mecânicas.

FILIAL:
CASA DAS BALANÇAS
R. MOUSINHO DA SILVEIRA, 330
TELEF. P. B. X. 830

Básculas e Balanças para tódas as aplicações.
FERRAMENTAS PARA ARTES E OFÍCIOS.

Fábrica de Tecidos de Linho e de Algodão

PANOS EM TODAS AS LARGURAS

DE

Albano M. Coelho Lima

TELEFONE, 12

PEVIDÉM

TRANQUILIDADE

70 ANOS DE EXISTÊNCIA

Capital e Reservas — cerca de 9 milhões
de Escudos

Seguros de FOGO, VIDA, MARÍTIMOS,
AUTOMÓVEIS, QUEBRA DE VIDROS
e AGRÍCOLAS

No seu interesse, fixe bem: **Tranquilidade**

Em Lisboa

No Porto

Rua Augusta, 39 - Telef. {29859-P. B. X. / 27910}

Rua Cândido Reis, 105 - Telef. 867-P. B. X.

Fábrica de Fiação e Tecidos do Bairro, L. da

BAIRRO - MINHO



End. Teleg.: FÁBRICA BAIRRO - NEGRELOS



TELEFONE, 3



R I B A D ' A V E

Emprêsa Fabril de Lordelo, L. da

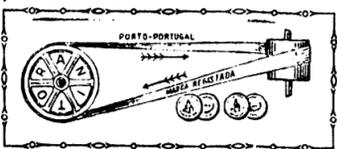
Fábrica de Tecidos de Algodão e Sêda

Alpacas diagonais e lenços mixtos
com sêda e algodão: Riscados, ali-
nhados com diferentes larguras, e
lenços em algodão.

MÉRCA DO

Continente e Colónias

Lordêlo ♦ ♦ ♦ Guimarães



FÁBRICA DE CORTUMES E CORREIAS DE TRANSMISSÃO

DE

Paulo da Silva Ranito

FUNDADA EM 1875

Todos os utensílios de couro para as indústrias

Tele { gramas: LANIÉRES - Pôrto / 15 294 - FÁBRICA DE CORREIAS / tonos: S. M. 13 - Fábrica de Cortumes

FÁBRICA DE CORREIAS - 595, R. Tenente Valadim, 609 Fábrica de Cortumes A CONTINENTAL - Ponte da Pedra

PÔRTO - (PORTUGAL)

FÁBRICA DE CORTUMES

SOLAS E CABEDAIS

JOSÉ TORCATO RIBEIRO JÚNIOR

RUA DE COUROS

TELEFONE, 131

GUIMARÃIS

António José Lopes Correia, Filhos

Fábrica de Tecidos

TELEFONE, 13
(RÉDE DE GUIMARÃIS)

PEVIDÉM

End. Tele. API - Pôrto

Telefone 5884 - P. B. X.



Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

Pentes, Malhas metálicas ou Liços, Caixilhos ou Perchadas, Molas
espirais e planas, Tempereiros, Garfos, Parábolas, Romanas, etc.
O MELHOR FABRICO. — PRÊÇOS DE CONCORRÊNCIA. — MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO COLONIAL.

ARMANDO PINTO & IRMÃO

R. Passos Manuel, 229-1.º - PORTO
REPRESENTAÇÕES:

Máquinas para Fiação, Tecelagem, Tinturaria, Acabamentos, etc. — Matérias Primas.

Se V. S.ª está interessado em Máquinas ou Acessórios para Fiação ou Tecelagem, consulte-nos,
que lhe forneceremos gratuitamente orçamento e plantas para montagem e instalação.

Fábrica de Pentes do Ribeirinho, L.^{da}
 Fornecedor dos principais Armazéns Exportadores

CASA FUNDADA EM 1908
 TELEFONE, 128

PENTES - TRAVESSAS
 GANCHOS - CALÇADEIRAS
 AGULHAS PARA LÃ

GUIMARÃIS

Aureliano Fernandes & Marques, Suc.^{res}, L.^{da}
FABRICANTES DO CALÇADO



22, Largo da República do Brasil, 25
GUIMARÃIS
 TELEFONE, 40

Fábrica de Cortumes DE JOSÉ PINHEIRO GUIMARÃIS
 (Antiga Fábrica do Cidade)

Escritório: Residência: —
 LARGO DO CIDADE x L. 28 de Maio, 89
 TELEFONE 48

GUIMARÃIS
 (PORTUGAL)

FÁBRICA DE TECIDOS DO PEIXOTO
 (DE ALGODÃO)

ESPECIALIDADE em Algodão, panos para lençóis, panos para colchões e abretanhados.

Domingos da Cunha Abreu
 — PEVIDÉM —

Oficina de Serralharia DE JOSÉ DE LEMOS SALGADO

RUA DE TRÁS-GAIA — (Montinho)
GUIMARÃIS

Nesta oficina executam-se todos os trabalhos concernentes à arte, tais como: Braços de balanças, Turquezas, Compassos, Alicates, Ferros de frisar, Pedrezes, Tranqueletas, etc., etc.

A Oficina preferida pelas Casas Revendedoras por ser aquela que melhor fabrica e mais barato vende.

FÁBRICA MANUAL DE CALÇADO

José André & C.^a

Telefone, 168

GUIMARÃIS

Seguros contra fogo e agrícola;
 Seguro de vida;
 Seguro de automóveis;
 Acidentes pessoais, cobrindo o risco de motociclete, aviação e todos os riscos;
 Desastres no trabalho;
 Quebra de cristais;
 Seguros contra roubos, assaltos, greves e tumultos.

Podem V. Ex.^{as} conseguir uma apólice das importantes companhias Inglesas e Portuguesas de Seguros, respectivamente **British Oak**, Delegação Geral de Portugal, Rua da Prata, 80. **Fidelidade**, Largo do Corpo Santo, 13; **Metrópole**, Rua Aurea, 149 — telefone, 22.594, LISBOA.

Representante Geral no PEVIDÉM,
MANUEL DE CASTRO.

Hospedaria GUIMARÃIS
 DE **Joaquim da Silva**

A mais freqüentada.
 A que melhor serve.

19, TRAVESSA DE CAMÕES, 21
 TELEFONE 121
GUIMARÃIS

FÁBRICA PORTUGUESA DE COLCHAS EM SEDA E ALGODÃO

Joaquim da Cunha

TELEFONE, 226

Covas Guimarães



A mais bem localizada de Guimarães.
 Recomenda-se pelo seu esmerado tratamento.
 Magníficos quartos

Densão Comercial

Casa de banho com águas quente e fria.
 Campanhas eléctricas em todos os quartos.
 W. C. com autoclismo.

Proprietário:
JOÃO D'ARAÚJO
 PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27 -- GUIMARÃIS

Fábricas de papel, cartão e cartonagem de Paulo Ribeiro da Silva

Fornecedor dos principais armazens e fábricas desta praça.
 PREÇOS MÓDICOS.

Escritório: Telefone n.º 4
 Largo 1.º de Maio, 27 | **GUIMARÃIS**

LUIZ TEIXEIRA DE CARVALHO & IRMAO

Rua Trindade Coelho, 28 e 30
 (Antiga Rua da Caldeirã)
 TELEFONE N.º 176

Depósito de cal, cimento, gessos, telha tipo Marselha, tubos de grés, bacias, lavatórios, azulejos e mosaicos, lousa, barreleiros, tintas, óleos e vernizes, e todos os artigos pertencentes a caidador e pintor; enxofre, sulfato e vidros; cersite e carbonillo para a conservação de madeiras, aos menores preços.

GUIMARÃIS

Depósito e Fabricação de VELAS DE CÊRA
MANUEL DA CUNHA MACHADO, FILHOS
 Suceedores de Joaquim António da Cunha Guimarães
 Casa Fundada em 1839

Velas de cêra de todos os tamanhos e ex-votos de tôdas as formas. Drogas para pirotécnicos, tintas, vidros, cimento e sulfato de cobre. Papeis de seda de diferentes côres e miudezas para floristas. / / / /

MOLDURAS PARA QUADROS.

RUA DA REPÚBLICA, 15 A 21
 (à Porta da Vila)
GUIMARÃIS

TINTURARIA DE FRANCISCO JOSÉ FERREIRA, FILHO

26, Rua de Gil Vicente, 30
GUIMARÃIS

Tintos firmes em tôdas as côres e preto para todos os artigos.

Enviem-se encomendas contra reembolso para todos os pontos do País.

Garante-se todo o serviço.
Preços Económicos.

GRANDE OFICINA DE FOGOS DE ARTIFÍCIO DE Augusto Fernandes
CALDAS DAS TAIPAS

Forneco fogos do ar, preso e aquático. Fogos de bengala para festas populares. Marchas luminosas, etc. Execução perfeita e com prontidão de todos os fogos. Fornecedor das primeiras romarias e festas do Norte. Premiado em todos os concursos a que concorreu.

Armazém de Mercaria DE Ribeiro & Martins, L.^{da}
 RUA DA REPÚBLICA

Torrefacção eléctrica. A única do concelho; experimentem os lotes especiais desta -- Casa. --

TELEFONE, 125
GUIMARÃIS



Fábrica de Fiação e Tecidos
do
ARQUINHO

de
António J. P. de Lima

Fundada em 1913

Fabrico de Tecidos de Algodão, Linho e Sêda

GUIMARÃIS

Telefone 12

Representante em Lisboa:

José Salgado Guimarães & C.ª, Sucessor
Rua dos Correeiros, 221-2.º-E.º — Tel. 2 0843

Representante no Pôrto:

Pereira da Costa & Bahia, Sucessor
Galeria de Paris, 46 — Telefone 1836

A SOCIAL

**COMPANHIA
PORTUGUESA
DE SEGUROS**

S. A. P. L.

Capital Esc. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

SÉDE -- Rua Cândido Reis, 51 a 61

PORTO



Delegação em Guimarães

Rua de Paio Galvão — Telefone 277

POSTO DE SOCORROS

Rua da República — Telefone 148

Fábrica de Tecidos do Rio

Fábrica de Malhas

e

Armazém de Fazendas Brancas

DE

ANTÓNIO PIMENTA

48, Rua de Santo António, 66

Telefone 220

GUIMARÃIS

Fábrica de Cortumes da Caldeirôa

de

Eduardo Torcato Ribeiro

ESPECIALIDADE EM ATANADOS,
VITELAS - CELEIRO,
COURO PRETO E CARNEIRA.

Telefone, 15. Telegramas — Cortumes.

Rua Trindade Coelho, 70 — GUIMARÃIS

Kavieres, Limitada

FÁBRICAS DE

ACABAMENTOS

PENTES

TINTURARIA
BRANQUEAÇÃO
CALANDRAGEM

ARTIGOS DE
GALALITE
CELULOIDE

O filho e neto de
António Pimenta
Rua Trindade Coelho, 59 — GUIMARÃIS

PENTES LUSÍADAS

MARCA REGISTADA

QUALIDADE INALTERÁVEL À ÁGUA.

A primeira Fábrica Portuguesa
que tomou a iniciativa
dêste fabrico no país.

A Textil das Azenhas Novas, L.ª

**FÁBRICA DE TECIDOS DE SEDA
TINTURARIA E ACABAMENTOS**

Tele { fone, 4
gramas: SEDATAN

VIZELA

PINHEIRO & OLIVEIRA, L.^{DA}

Rua da República, 48-1.º e 2.º Telefone 169 GUIMARÃIS

FABRICANTES DO CALÇADO



FORNECEDORES DAS PRINCIPAIS CASAS DO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR.

Relojoaria
Ourivesaria
Pratas

Carvalho & Silva, Limitada

RUA DA REPÚBLICA, 57.^ª E 59
GUIMARÃIS

Os 50 anos de existência deste estabelecimento e a boa norma usada pelos seus proprietários nas suas transacções, são a melhor justificação da preferência que o Ex.^{mo} Público lhe tem dispensado.

Sociedade Industrial

Pereira, Ferreira & C.^a, L.^{da}

Fábrica Portuguesa de Lãs e Cachemés

TELEFONE 81-441

Rua da Cozinha Económica
ALCANTARA

L I S B O A

Companhia Geral de Combustíveis

S. A. R. L.

Séde em Lisboa :

Avenida 24 de Julho, 1-2.º
Telefones 22361, 22362 e 22363
Enderêço teleg. : COALS

Filial no Porto :

Rua Mousinho da Silveira, 6-2.º
Telefones 2682 e 2683 P. B. X.
Enderêço teleg. : COALS

Representante directa das Firmas

POWELL DUFFRYN ASSOCIATED COLLIERIES LTD.,
GUERET, LLEWELLYN & MERRETT, LTD.
e COMPANHIAS ASSOCIADAS

Controlando uma exportação anual de 10.000.000 de toneladas de carvão

Carvões das melhores minas de Cardiff e Newcastle apropriados para as diversas aplicações industriais e domésticas.

Não comprem sem se inteirarem das vantagens que oferecemos aos nossos Clientes

Litografia Ideal, L.^{da}

Travessa de Cedofeita, 22 - PORTO

TELEFONE, 5077

Execução esmerada e cuidadosa em todos os trabalhos do seu género : Rótulos, Cartazes, Cromos, Reclamos, Impressos de escritório, Alto Relêvo e Foto-Lito. As Fábricas de Tecidos recomendamos, no seu interesse e conveniência, nos consultem nos seus trabalhos de litografia a executar.

Economia e perfeição. Preços de concorrência. Peçam orçamentos.

VIDAL & VIDAL

Suc.^{RES} GRACIO, ESTEVES & PINTO, L.^{DA}

Agência de Despachos, Mudanças e Transportes
— em Lisboa e para todos os pontos do País —

DESPACHOS NAS ALFÂNDEGAS

Expedição e reexpedição de mercadorias pela Via Marítima

TELEFONE 24788

Séde: 9, Rua da Vitória, 11 LISBOA

Máquinas e Acessórios para tôdas as Indústrias

Especialidade em maquinismo de fiação, tecelagem, tinturaria estampanaria e acabamentos. Transmissões industriais por corrente RENOLD. Humidificação industrial por aparelhos BRAHNSON.

Marker, Sumner & C.^a, L.^{da}

152, Rua José Falcão, 156 || 14, L. do Corpo Santo, 18
PORTO || LISBOA

FÁBRICA DE GANDARA

Francisco Manoel Durães & Filhos, L.^{da}

FÁBRICA A VAPOR DE TECELAGEM
— TINTURARIA E SERRAÇÃO —

TELEFONE, 19

Rua Conselheiro Lopes da Silva VALENÇA DO MINHO

CASA DAS NOVIDADES

Francisco Ribeiro de Castro

Esc.: 3.000.000\$00 **SANTO ANTÓNIO** 1940 Contos: TREZ MIL

Se V. Ex.ª deseja habilitar-se à grande lotaria de Santo António, compre na Casa das Novidades. Não hesite, pois só esta casa lhe poderá vender a taluda.

TELEFONE, 149 — GUIMARÃIS

Banco Ferreira Alves

CAPITAL REALIZADO 10.000 contos

21, PRAÇA DA LIBERDADE, 22

Telefone, 39

P O R T O

Agências em: { Guimarães, telef. 68
Vila Nova de Famalicão, telef. 126
Barcelos, telef. 31

Descontos de letras s/ a Praça e País.
Letras à cobrança. Transferências.
Saques s/ o País e Estrangeiro.
Compra e venda de papeis de crédito.
Depósitos à ordem e a prazo.
Tódas as operações bancárias.

Fábrica da Areosa

Fiação, Tecelagem e acabamento de tecidos de algodão e mixtos com sêda.

FABRICO ESPECIALIZADO nos seguintes artigos:

Merinos, Gabardines, Kakis, Zanelas, Tafetás, Sarjas, Setins de Forros, Flanelas, Tecidos Coloniais.

(CORES ABSOLUTAMENTE FIRMES)



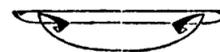
Os tecidos da FÁBRICA DA AREOSA, cuidadosamente fabricados com matérias primas de primeira qualidade, dão aos seus consumidores a garantia absoluta duma longa duração.

Preferindo nas vossas compras estes tecidos, economizareis largamente o vosso dinheiro.



Empresa Fiandeira de Lordelo, L. da

Especializada em fios até ao n.º 40



Lordelo

Guimarães



Armazém de Tecidos de Algodão

(CASA FUNDADA EM 1873)

Bento dos Santos Costa & C.ª, L. da

Únicos depositários das Fábricas de Fiação, Tecidos e Artefactos de Malho, de J. R. LOUREIRO & C.ª

Fábricas
Aven. Miguel Bombarda
Telef. 193

Armazém e Escritório
Rua de Camões
Telef. { Armazém, 45
Escritório, 208

Telegramas: SANTOS COSTA

GUIMARÃIS

Papelaria e Coloniais

de

Ferreira, Rodrigues & C.ª

TELEFONE, 7997

39, Largo S. Domingos, 41

P O R T O

Brito & Gomes, L. da

Fábrica de Tecidos da Lameira

TELEFONE N.º 15

VIZELA

Enfestados, Alinhados e Atoalhados.
Especializados em artigos coloniais.

OLEOS GERM

Lubrificante inglês de primeira qualidade com a categoria de óleo de aviação. Fornecido em várias graduações para todos os tipos de motor de automóvel, para instalações de força motriz e maquinismos em geral.

AGENTES:

J. P. da Conceição, L. da

R. Mousinho da Silveira, 91-PORTO

FIBRA COMERCIAL LUSITANA, L.^{DA}

RAYON

Torções - Fantasias - Voile - Crepe Encolados
Urdissagem e Tinturaria

VENDAS EXCLUSIVAS DOS PRODUTOS
"SNIA-VISCOZA" E "TAP"

Fiação de Sniafiocco

PORTO — Avenida da Boavista, 1904

TELEG.: Italfibra -- PORTO

TELEFONES, 15311 -- 15312

*Fábrica
de
Tecidos
da
Cruz
de
Pedra,
L.^{da}*

TELEFONE, 190

GUIMARÃIS

EMPRESA TEXTIL DA CUCA, LIMITADA

FÁBRICA:

MOREIRA DE CÓNEGOS
VIZELA

ωη
TELEFONE, 24

Séde e Escritório:

56, R. Passos Manuel, 58

PÓRTO

ωη
TELEFONE, 1147

Fábrica de Fiação e Tecidos
de algodão e mixtos com seda

Hotel do Toural

Telefone, 74

Praça D. Afonso Henriques



GUIMARÃIS

EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTO TIRSO, LIMITADA

(FÁBRICA DO ARCO)

FIAÇÃO-TECELAGEM E ACABAMENTOS

SANTO TIRSO
RUA 5 DE OUTUBRO
TELEFONE-38

ESCRITÓRIO NO PORTO
R. CÂNDIDO DOS REIS, 104

Tele { gramas-ZÉFIR
Rede-410
fones: Estado-1

Drogaria Moura, L.^{da}

97, Largo de S. Domingos, 101

Casa fundada em 1858

PORTO

TELEFONE 417

Importadores de todos os produtos industriais e de construção.

Tintas e esmaltes «PROXLIN»
(para pinturas de casas e automóveis).

Vendas por junto e a retalho.

Este espaço destinava-se a um anúncio da **Fábrica de Pentes para Teares e Tecidos de Colchas e Cobertores**, do Snr. **AUGUSTO PINTO LISBOA**, do importante Centro Industrial do PEVIDEM.

Como aquele nosso amigo não dá anúncios da sua importante Fábrica, não pôde ser utilizado ao aludido réclame.

FÁBRICA DE TECIDOS DE LABORIM, L.^{DA}

FÁBRICA:

Laborim — VILA NOVA DE GAIA

Tel. 22 — Santo Ovidio

ESCRITÓRIO:

R. Passos Manuel, 53-1.º — PORTO

Tel. 671

Grande Hotel Universal

PROPRIETÁRIO GERENTE:

Joaquim Silva



TELEF. 7

VILA DE VIZELA

ARMAZEM

Com FERRAGENS, FERRAMENTAS,
CUTELARIAS, FERRO E METAIS

ANTERO & C.^A

VENDE POR JUNTO E A RETALHO

TELEFONE, 4967

99, Rua do Almada, 101

PORTO

A. GOMES, FILHOS & SÁ

Diplomados com "Medalha de Ouro". Avaliadores Oficiais pela Casa da Moeda.

OURIVESARIA

Importantes oficinas de Ourivesaria, Relojoaria, Cravadores, Gravadores e Joalheria. Filiais nas feiras semanais de Famalicão, Barcelos, Vila do Conde, Fontainhas, Castelo da Maia, Cò (Paços de Ferreira) e nas anuais de Vila Real e Chaves. Esta casa é na provincia a que mais popularidade tem, por ser a que mais barato vende.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO.

Rua da Junqueira, 68

TELEFONE. 38

Póvoa de Varzim

TELEF. 50

MODELOS MAIS ARTÍSTICOS EM PRATAS OURO E JOIAS

AOS MELHORES PREÇOS



JOALHEIROS FABRICANTES

SOUSA & COELHO

P. D. AFONSO MENRIQUES TELEFONE Nº 50

GUIMARÃIS

A CASA QUE MAIS SE IMPÕE PELO SEU FABRICO EM JOIAS

Ourivesaria SOUSA

DE

Sousa & Coelho

TOURAL

GUIMARÃIS

TELEFONE, 50

A casa que não receia concorrência não só nos preços como no valor artistico dos seus artigos. Compra pelo mais alto valor

Ouro,
Prata,
Jóias usadas e
Louças antigas

Objectos

do mais fino gosto próprios para BRINDES

RELÓGIOS das melhores marcas.

Sortido completo em todos os artigos de Ourivesaria e Joalheria pelos mais BAIXOS PREÇOS.



COMISSÃO DE VITICULTURA DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

(Decreto-Lei n.º 16.684, de 22 de Março de 1929, Ministério da Agricultura)



Consumindo-se o vinho verde, original, agradável e ao mesmo tempo salutar, corresponde-se ao esforço do vinicultor e auxilia-se a economia da Nação.

O vinho verde só se obtém na Região demarcada e com as castas tradicionais.

A área demarcada ocupa 45 concelhos, distribuídos por 6 distritos, 1.221 freguesias, onde vivem cerca de 90 mil famílias de viticultores.

A produção, média anual, é de cerca de 200 mil pipas, cujo valor regula por 100 mil contos.

Êstes números mostram, insofismavelmente, que o vinho verde é apreciável valor nacional.



Fábrica de Fogos de Artifício

DE
SILVA & FILHOS

VIANA DO CASTELO
PORTUGAL

TELEFONE 143
Telegramas: SILVARIA

Premiados com os primeiros prémios em vários certâmens e condecorados com a Medalha e Diploma de Mérito Industrial.

A Casa preferida para fornecer os Fogos para a Grande Apoteose Pirotécnica que deve ter lugar na noite de 4 de Junho

Festas Centenárias em Guimarães.

